

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS**

**JOÃO MARCOS DE MATOS**

**MORTE IMINENTE E SENTIDO DE VIDA: A ESPERANÇA CRISTÃ NO  
HORIZONTE DA CRISE PANDÊMICA**

**CAMPINAS**

**2022**

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS APLICADAS  
FACULDADE DE TEOLOGIA  
JOÃO MARCOS DE MATOS**

**MORTE IMINENTE E SENTIDO DE VIDA: A ESPERANÇA CRISTÃ NO  
HORIZONTE DA CRISE PANDÊMICA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Teologia do Centro de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, como exigência para obtenção do grau de bacharel.

Orientador: Prof. Dr. Pe. Alexandre Boratti Favretto

**CAMPINAS**

**2022**

Ficha catalográfica elaborada por Adriane Elane Borges de Carvalho CRB 8/9313  
Sistema de Bibliotecas e Informação - SBI - PUC-Campinas

236.8  
M433m

Matos, João Marcos de

Morte iminente e sentido de vida: a esperança cristã no horizonte da crise pandêmica / João Marcos de Matos. - Campinas: PUC-Campinas, 2022.

88 f.

Orientador: Alexandre Boratti Favretto.

TCC (Bacharelado em Teologia) - Centro de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, Faculdade de Teologia, Centro de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 2022.

Inclui bibliografia.

1. Ressurreição. 2. Esperança. 3. Pandemia. I. Favretto, Alexandre Boratti. II. Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Centro de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas. Centro de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, Faculdade de Teologia. III. Título.

CDD - 22. ed. 236.8



Dedico esta reflexão teológica a todas as pessoas que, de algum modo,  
sofreram com as consequências da Pandemia da Covid-19.

## **AGRADECIMENTOS**

Bendito seja Deus por mais um Trabalho de Conclusão de Curso finalizado com sucesso. Na Sua infinita misericórdia, deu-me força e coragem para que eu perseverasse e chegasse até aqui. À Santa Igreja que me acolheu como Mãe e me guia como Mestre: nas pessoas de Sua Excelência Reverendíssima Dom Luís Carlos Dias e seu auxiliar, Sua Excelência Reverendíssima Dom Eduardo Malaspina, elevo uma gratidão especial.

Na oportunidade agradeço também aos meus formadores Pe. Antônio Aparecido de Marcos e Pe. Rene José, bem como à equipe formativa da diocese de São Carlos que, iluminada pelo Espírito Santo, contribuem com o discernimento das novas vocações diocesanas para a Igreja particular.

Aos professores da faculdade de Teologia da Pontifícia Universidade Católica de Campinas na pessoa do meu orientador, o professor Dr. Pe. Alexandre Boratti Favretto, que fraternalmente me acompanham neste processo acadêmico e colaboram para que os futuros padres da Igreja de Cristo possam ser sinais do Reino de Deus em diálogo com o mundo.

Ao Pe. André Pires e Pe. Carlos Menezes, minha família, amigos e colegas de turma, agradeço o apoio e orações que foram dedicados a mim em cada etapa do processo vocacional. O carinho de cada um foi importante para o êxito de cada dia.

“Alegrai-vos sempre no Senhor! Repito: alegrai-vos!”

(Fl 4, 4).

## RESUMO

Esta pesquisa teológica tem por objetivo demonstrar que a esperança cristã, à luz da Ressurreição de Jesus Cristo, oferece uma resposta ao sofrimento do homem que é vítima da crise pandêmica. Através da problemática que busca compreender como a esperança cristã confere sentido aos sofrimentos últimos da vida humana, o trabalho leva o leitor a perceber que existe vida para além do sofrimento vivido e que, portanto, essa é a razão da sua esperança. Desse modo, a categoria esperança será interpretada a partir da teologia bíblica, do Magistério da Igreja e da teologia da esperança contemporânea, já que estes pilares fornecem subsídios para compreender Deus que continua a se revelar na história, através da participação no sofrimento de cada pessoa humana que vive a realidade da crise pandêmica. Dessa forma, a pesquisa apresenta uma reflexão teológica a partir das perspectivas pastorais que compreendem Jesus e o seu Reino presente na realidade do sofrimento da humanidade, através de uma promoção consistente e concreta com a vida humana significando vida plena que é intrínseca a todo homem.

**Palavras-chave:** Esperança cristã; Ressurreição; Busca de sentido; Sofrimento; Pandemia.

## **ABSTRACT**

This theological research aims to demonstrate that Christian hope, in the light of the Resurrection of Jesus Christ, offers an answer to the suffering of the man who is a victim of the pandemic crisis. Through the problem that seeks to understand how Christian hope gives meaning to the ultimate sufferings of human life, the work leads the reader to realize that there is life beyond the suffering experienced and that, therefore, this is the reason for their hope. In this way, the category of hope will be interpreted from biblical theology, the Church's Magisterium and the contemporary theology of hope, since these pillars provide subsidies to understand God who continues to reveal himself in history, through participation in the suffering of each person. human being who lives the reality of the pandemic crisis. In this way, the research presents a theological reflection from the pastoral perspectives that understand Jesus and his Kingdom present in the reality of humanity's suffering, through a consistent and concrete promotion with human life, meaning full life that is intrinsic to every man.

**Key Words:** Christian hope; Resurrection; Search for meaning; Suffering; Pandemic;

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

Ap: Apocalipse

At: Atos dos Apóstolos

CNBB: Conferência Episcopal dos Bispos do Brasil

Cor: Coríntios

DAP: Documento de Aparecida

DGAE: Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil

Ef: Efésios

Êx: Êxodo

Ez: Ezequiel

Fl: Filipenses

Gn: Gênesis

GS: Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*

Hb: Hebreus

Jo: João

Lc: Lucas

LG: Constituição Dogmática *Lumen Gentium*

Mc: Marcos

Mt: Mateus

Ne: Neemias

Rm: Romanos

SS: Carta Encíclica *Spe Salvi*

Ts: Tessalonicenses

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	13
<b>1. OS PACIENTES TERMINAIS, A MORTE E O LUTO NA PANDEMIA DA COVID-19 E A SUA RELAÇÃO COM O MISTÉRIO PASCAL DE JESUS CRISTO</b> .....	17
1.1 Introdução.....	17
1.2 Páscoa de Jesus e o sofrimento pandêmico.....	18
1.3 A religião e a espiritualidade como recursos no enfrentamento do sofrimento gerado pela doença do coronavírus.....	21
1.4 A ética evangélica e a atenção à saúde e ao sofrimento humano.....	24
1.5 A esperança cristã no acompanhamento aos enfermos.....	27
1.6 Morte e luto a partir da Teologia cristã.....	30
1.7 Conclusão.....	35
<b>2. A ESPERANÇA CRISTÃ</b> .....	36
2.1 Introdução.....	36
2.2 A esperança no Antigo Testamento como prenúncio da esperança cristã.....	37
2.2.1 O livro de Jó e o povo fracassado em sua esperança.....	38
2.2.2 A tormenta de Jó e a resposta de Deus.....	42
2.3 A esperança cristã a partir dos escritos de São Paulo.....	42
2.3.1 A esperança cristã e o sofrimento diante da teologia paulina.....	44
2.3.2 Alegria no sofrimento a partir da teologia paulina.....	45
2.3.3 A esperança cristã na teologia paulina como sentido para o sofrimento.....	47
2.4 A esperança cristã e o Magistério da Igreja.....	48
2.4.1 O sofrimento como escola de esperança.....	50
2.5 A esperança cristã sob a perspectiva da Teologia da Esperança.....	52
2.5.1 A missão da esperança aqui e agora.....	54
2.5.2 O evento Ressurreição como ponto central da teologia da esperança de Moltmann.....	56
2.6 Conclusão.....	57
<b>3. O REINO DE DEUS NO PRESENTE: A CRISE PANDÊMICA EM UMA PERSPECTIVA PASTORAL</b> .....	59
3.1 Introdução.....	59

3.2	A Ressurreição de Jesus Cristo em uma aproximação social: a mensagem escatológica do Reino de Deus como opção pela vida integral.....	60
3.2.1	O projeto de Jesus Cristo contra a mentalidade religiosa e política do seu tempo.....	62
3.2.2	A boa notícia de Jesus: o Reino de Deus presente.....	63
3.3	A Ressurreição que começa agora: um novo céu e uma nova terra.....	65
3.3.1	Jesus solidário com a humanidade na morte de cruz.....	67
3.4	Tarefas da esperança hoje: o projeto de vida de Jesus Cristo como sentido para os homens.....	69
3.4.1	Em tempos de crise sanitária da Covid-19 o projeto de Jesus suscita saúde integral...	72
3.5	O Papa Francisco: referencial da esperança para a sociedade hoje.....	73
3.6	A Pastoral da Esperança e a resposta contemporânea da Igreja para a sociedade.....	74
3.6.1	A Ressurreição de Jesus Cristo como inspiração do enfermo e de sua esperança.....	77
3.7	Conclusão.....	78
	<b>CONCLUSÃO</b> .....	<b>79</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>81</b>

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho busca compreender a esperança cristã a partir do cenário pandêmico que se estabeleceu no mundo no ano de 2020, em um contexto de morte iminente e de busca de sentido. O objetivo deste é demonstrar que a esperança cristã, à luz do mistério pascal de Cristo, oferece uma resposta ao sofrimento do homem, vítima da crise pandêmica. Desse modo será feita uma reflexão teológica que destaque o significado da esperança cristã com fundamentação no mistério Pascal de Jesus Cristo, destacando a sua Ressurreição como cume e fonte desta mesma esperança.

Para melhor compreensão do tema, faz-se necessário entender que o sofrimento faz parte da vida do ser humano, ou seja, deste ou daquele modo, ele sempre aparece no caminho percorrido. Diante disso, cabe a cada pessoa saber como vai enfrentá-lo, exatamente como se precisa saber enfrentar algumas situações que são corriqueiras, já que o sofrimento, hora ou outra, se apresenta ao homem. Ele se apresenta nas pequenas situações da vida ou na forma de um vírus que é invisível e que quando menos se espera leva desta vida uma pessoa próxima, traz à porta a dor e, ainda, torna mais forte o sofrimento que ameaça os que estão à margem.

Diante disso, a pandemia do novo coronavírus propiciou à humanidade uma experiência global de sofrimento e, na mesma medida, incessante busca por respostas que deem sentido a isto. Assim, o sentido buscado é uma questão trabalhada sob diferentes perspectivas e, grosso modo, vivido e compreendido de diferentes maneiras. Diante disso, o presente trabalho, ao olhar para a esperança cristã, busca entender o verdadeiro sentido do sofrimento vivido pela humanidade que sofre de diferentes maneiras e em diferentes contextos. Não se trata de discutir a subjetividade do sofrimento, mas a esperança que pode motivar cada ser humano atravessá-lo e vivê-lo.

Diante da pandemia da Covid-19 enquanto crise sanitária global que se configura em um contexto de sofrimento e de morte iminente, o homem é constantemente interpelado a recorrer aos instrumentais médicos, psicológicos e espirituais que podem de alguma maneira, conferir sentido de esperança à sua vida. Sendo assim, a problemática deste trabalho busca entender como a esperança cristã, iluminada pelo mistério Pascal de Cristo, pode conferir sentido aos sofrimentos últimos da vida humana e daqueles que mais diretamente a circundam?

A problemática supracitada é proposta para bem desenvolver o tema da esperança, inserido no cenário de crise do qual o homem se encontra. Desse modo, o objeto da presente

pesquisa é a esperança como sentido que o cristianismo oferece a este sofrimento, haja vista o próprio cenário que a contemporaneidade é marcada. Portanto, em se tratando de um sofrimento vivido concretamente no contexto da pandemia, este trabalho irá permitir compreender que existe uma esperança diante da angústia de ver uma vida ceifada por um vírus e das consequências negativas que este traz.

Para a introdução do presente trabalho é importante observar que aos onze dias do mês de março de dois mil e vinte, a Organização Mundial da Saúde elevou o estado de contaminação do novo coronavírus à pandemia. A disseminação do vírus atingiu rapidamente os países, obrigando as autoridades tomarem medidas restritivas, a fim de conter o máximo possível o cenário de contaminação, que levou até hoje aos milhares números de mortes causadas pela doença. Diante desta rápida disseminação universal, se somam hoje no mundo – 13 de junho de 2022 – as mais de 6,31 milhões de mortes, sendo no Brasil, pelo menos, 668 mil mortes<sup>1</sup>.

O cenário de sofrimento vivido na pandemia do coronavírus nos obriga a fazer uma análise da conjuntura contemporânea e, nela, compreender que não podemos limitar o sofrimento às vítimas fatais. Estamos diante de homens e mulheres que, vítimas da pandemia, se encontraram com o desemprego, fome, depressão e todo tipo de sofrimento moral, psicológico e social. Assim, trata-se de uma pandemia que proporcionou a experiência do sofrimento, no qual muitas famílias se desestruturaram e vivem dores jamais compreendidas pelos homens.

Diante disso, no que se refere ao contexto de morte iminente próprio deste cenário pandêmico, é possível identificar em muitas das estruturas sociais, políticas e, por vezes, religiosas, uma crescente mentalidade que banaliza a morte. Banalizando-a, acaba por fazer do sofrimento da humanidade uma experiência também banal, sem necessidade de consideração e de atitudes que fomentem empatia para com a dor do semelhante. A postura assumida por muitos acaba por se traduzir em preocupações que se distanciam do verdadeiro projeto de Jesus Cristo, isto é, o de valorizar a vida e a dignidade do ser humano.

Enquanto reflexão de cunho teológico, é importante validar a dor e o sofrimento dos homens e mulheres vítimas da pandemia considerando a pergunta do debate atual, isto é, “onde está Deus? Sendo assim, é diante deste cenário pandêmico de sofrimento que pesquisamos sobre a esperança cristã, como uma crucial resposta ao sofrimento humano.

---

<sup>1</sup> Cf.: SECRETARIA Estadual da Saúde. *Painel Coronavírus*. Disponível em: covid.saude.gov.br. Acesso em: 13 jun. 2022.

Á luz do mistério Pascal de Jesus Cristo, sua paixão, morte e Ressurreição, será apresentado um Deus que sofre com cada homem atingido por este problema universal.

O presente trabalho tem como base teórica fundamental a perspectiva da teologia da esperança, partindo da reflexão teológica no que se refere ao sofrimento vivido pelos pacientes terminais e pelo luto dos familiares no contexto pandêmico. Nesse sentido, levará em consideração obras relevantes para a compreensão e complemento do tema que se refira à esperança, sofrimento e escatologia enquanto resposta para o cenário social, que tem se desdobrado através do sofrimento pandêmico. Serão utilizados artigos e, bem como, documentos do Magistério da Igreja e de teólogos contemporâneos, com o intuito de melhor aprofundamento no tema proposto, além de documentos que se refiram ao contexto atual e, bem como, a atuação da Pastoral da Esperança.

Para o bom desenvolvimento do presente trabalho, à luz da metodologia do ver, julgar e agir, será feito um caminho hermenêutico de olhar para a realidade e julgá-la a partir da própria concepção cristã de esperança. Com isso, proceder de modo que se compreenda a esperança cristã como recurso maior de enfrentamento do sofrimento, situando-o no projeto de Jesus Cristo: o Reino de Deus que se faz presente concretamente aqui e agora.

O primeiro capítulo se preocupará em realizar uma abordagem social sobre o sofrimento humano que se desdobrou no contexto pandêmico, através de uma reflexão que relacione sofrimento e pandemia com a pessoa de Jesus em sua obra salvífica. A Cristologia contribui com isto quando propõe um estudo da ética evangélica sobre o cuidado e a preocupação de Jesus de Nazaré com a vida e a saúde humana. É por isso que será dado destaque à importância do acompanhamento religioso e espiritual dos pacientes terminais, necessários para que o ser humano encontre sentido de vida digna.

A partir disso, o segundo capítulo se centralizará no tema da esperança cristã a partir de um estudo bíblico, magisterial e teológico. Diante do tema do sofrimento presente nos escritos veterotestamentários, a particularidade do livro de Jó tem muito a dizer sobre o tema da esperança já acenando para a perspectiva cristã, quando compreende Deus não como causa do fracasso, mas razão da esperança. Assim, será feito um estudo do entendimento paulino com relação ao sofrimento, muito presente também em documentos do Magistério. Por fim, esta parte será finalizada em uma perspectiva teológica, através de reflexões de alguns autores com seus respectivos pensamentos sobre a esperança cristã.

O terceiro capítulo ajudará o leitor a compreender uma esperança que não está centralizada na morte, mas que ganha conteúdo a partir da Ressurreição de Jesus Cristo que confere vida a todos. A Ressurreição de Jesus, portanto, é fundamento e base da esperança já

preunciada nas suas atitudes e obras, quando busca instaurar o Reino de Deus. Jesus é, por si só, o Profeta do Reino e, desse modo, o apresenta para que possa se estabelecer na vida de todos os que sofrem como libertação, dignidade e justiça. Por fim, em se tratando de um capítulo de cunho pastoral, serão apresentados a Igreja e o Papa Francisco como referenciais da esperança e, ainda, propostos subsídios pastorais para a ação eclesial no contexto de vulnerabilidade humana.

Com este trabalho espera-se obter um raciocínio teológico fundamentado a partir das Sagradas Escrituras, Magistério e teologia contemporânea, enquanto princípios para configurar a esperança cristã. Diante disso, a partir do âmbito desta esperança enquanto via de resposta às demandas da contemporaneidade, esta pesquisa permitirá buscar a reflexão sobre o sentido pleno para a própria condição humana. Assim, uma vez que se consiga compreender a esperança cristã que convida o ser humano a encontrar e dar sentido para o sofrimento que está fazendo parte pode-se entender que esta esperança suscita um novo modo de pensar e de agir no contexto atual.

Portanto, pode ser observado que esta reflexão teológica elaborada à luz dos princípios já supracitados, permitirá uma melhor adesão ao projeto de amor de Deus para todos os homens. Nesse sentido, a partir de uma perspectiva pastoral, espera-se que esta monografia possa esclarecer que existe uma esperança na qual o homem pode acreditar para que, assim, atribua significado às suas dores e sofrimentos causados pelas situações que a vida apresenta. É necessário, assim, voltar atenção ao Deus que abraça o sofrimento com a humanidade e é a própria razão da esperança, ou seja, um Deus que está inserido na realidade de cada homem vítima do sofrimento global.

# **1. OS PACIENTES TERMINAIS, A MORTE E O LUTO NA PANDEMIA DA COVID-19 E A SUA RELAÇÃO COM O MISTÉRIO PASCAL DE JESUS CRISTO**

## **1.1 Introdução**

O sofrimento humano experimentado na pandemia da Covid-19 chama atenção mediante a circunstância em que é vivido, já que diz respeito ao sofrimento em que, necessariamente, se precisa viver sozinho, desamparado e isolado da comunidade. O paciente, o familiar e mesmo o enlutado, se encontram com a solidão de ter que enfrentar tudo mediante os protocolos de saúde que exigem de todos, medidas como isolamento e distanciamento social para o combate da doença.

Nesse sentido, trata-se do momento de se viver uma religiosidade e espiritualidade que não mais são participativas na comunidade e, tão pouco, vivenciadas em comunidade. Assim, portanto, é o momento de encontrar o significado da esperança cristã que se dá na certeza de um Deus que não é distante, apesar de todas as distâncias da família e da comunidade de fé.

Nesse sentido, existe uma busca que faz parte de todo ser humano, a fim de que ele se encontre com algum sentido que possa conferir ânimo à luta vivida no tempo presente. Isto posto, a esperança cristã é capaz de bem corresponder a este sentido, à medida que centraliza sua experiência no próprio mistério Pascal de Jesus Cristo. Mistério Pascal este, portanto, cujo ápice se dá na Ressurreição de Jesus, na qual, por ela, a mulher e o homem de fé são capazes de enxergar um horizonte de vida na morte que é iminente e no sofrimento que é comum.

Tal esperança cristã, mensageira da vida, impele a comunidade de fé a também reanimar as suas forças para que seja anunciadora da vida e pela vida, para que as forças da morte não se sobressaiam diante do mistério vivificante e libertador de Jesus. O mistério Pascal celebrado precisa, sobretudo, ser experimentado na vida de cada crente, diante do qual, o homem possa ser testemunha da esperança que confere sentido de vida e Ressurreição.

Ao apresentar para a comunidade o significado da esperança cristã, os homens precisam se convencer de que a espiritualidade Pascal é capaz de contribuir para o enfermo que luta por sua vida ou mesmo para a família que sofre as esperas do processo de cura. Assim, se torna crucial o acompanhamento espiritual e religioso aos enfermos – mesmo que nas distâncias de uma crise pandêmica – além de um convencimento verdadeiramente sincero quanto à vida que rompe com as forças da morte, ainda que pela ajuda da comunidade.

A exemplo de Jesus de Nazaré, narrado pelos Evangelhos como o Homem que possui uma preocupação centrada no sofrimento dos homens da sua época, que a comunidade seja a

responsável por conferir também atenção e sentido à vida dos que sofrem no hoje da história. Diante das lutas próprias da crise pandêmica, faz-se necessário homens e mulheres de fé que, na adesão do Reino de Deus, se comprometam com a causa dos sofredores de hoje.

Para cumprir com os objetivos do presente capítulo será feita uma abordagem contextual do sofrimento pandêmico, destacando, sobretudo, algumas medidas sanitárias que se fizeram caminhos para a contenção da doença e, conseqüentemente, os recursos religiosos e espirituais para encarar a crise. Diante das experiências de morte e luto será tratado sobre a resposta de sentido que o crente possa encontrar, através de uma teologia com fundo cristológico, isto é, entendendo o mistério Pascal de Jesus Cristo como fonte e caminho de esperança.

## **1.2 Páscoa de Jesus e o sofrimento pandêmico**

Mediante a paixão de Jesus, encontra-se a certeza deste Deus que sofre com cada ser humano: Ele é Deus conosco. Na cruz de Jesus é perceptível a solidariedade de Deus já que, pelo seu sofrimento, Ele se mostra próximo, conforme indica Eugênio Pacelli C. Aguiar: “[...] a cruz de Cristo como expressão do solidário sofrimento de Deus com seu Filho e com todos os que sofrem no mundo” (AGUIAR, 2019, p. 90). Não se trata de um Deus que preza pelo sofrimento, mas, ao contrário, entende o sofrimento do mundo e se revela também no Cristo crucificado que é o próprio rosto da esperança cristã, já que nada termina na cruz e não é a morte de cruz a Sua última palavra, mas a Ressurreição.

O Deus vivo que sofre a morte de cruz se faz próximo de cada homem que sofre também no hoje da história e, por isso mesmo, por seu amor, permite morrer em uma cruz. Daí que a beleza, o sentido de vida, a razão da esperança não acaba na cruz, mas aponta para o evento Ressurreição porque a morte não é o ponto final da vida humana. Este mistério Pascal de Cristo, portanto, se apresenta como objeto do presente estudo e da própria teologia na medida em que é proposta a chamada “teologia do Crucificado”, conforme a reflexão teológica de Eugênio Pacelli Correia Aguiar:

Morte e ressurreição configuram duas dimensões inseparáveis do mistério pascal, compondo, assim, um acontecimento culminante e definitivo da história de Jesus de Nazaré como Palavra viva de Deus. [...] Desse modo, o Crucificado se converte em lugar histórico da definição e da identificação do mistério de Deus entregue à humanidade, tornando-se a chave para os mistérios divinos da teologia cristã (AGUIAR, 2019, p. 91).

Na comunidade de fé, Cristo é proclamado desde o primeiro século como Senhor Ressuscitado e, por isso mesmo, a teologia da esperança é configurada de modo que seja esta Ressurreição de Jesus, o primeiro e verdadeiro sentido da vida cristã. Para comprovar isto, a própria fé e a doutrina estão profundamente fundamentadas e são desenvolvidas de acordo com o mistério de Cristo Crucificado (AGUIAR, 2019, p. 91). Assim, não se trata de uma teologia vazia de significado, mas, ao contrário, é a própria resposta buscada diante do caminho trilhado pela humanidade e, bem como, dos momentos de crises vividas por cada homem e mulher em toda a história.

Introduzir-se no mistério do Deus crucificado é um passo fundamental para a superação de cada momento de crise vivida na história, já que tal mistério desperta a fé para algo sempre novo em Jesus. Desse modo, entende-se que apesar do sofrimento vivido a fé se torna objeto fundamental para a aceitação e acolhida da dor, porque pela fé, Deus se faz comunhão com cada filho, como o fez com Israel sofredor e perseguido (AGUIAR, 2019, p. 92).

Ao permitir a religiosidade e espiritualidade do Deus crucificado como instrumentais no processo da dor, o homem se abre à esperança no Deus que não é distante, mas que também é sofredor, é Emanuel: “Assim, os ‘sofrimentos de Cristo’ têm também as características dos sofrimentos de Israel, dos povos de Deus neste mundo sem Deus. Os ‘sofrimentos de Cristo’ são parte da história dos sofrimentos de Israel e dos profetas de Deus” (AGUIAR, 2019, p. 92).

Diante da dor presente na crise, surgem entre os povos inúmeros questionamentos quanto a ação de Deus na história dos homens, sua paternidade, compaixão e permissão, buscando respostas que sejam concretas no sentido de oferecer uma razão para o sofrimento: “Sendo assim, é claro que, não só podemos, como devemos questionar o que é o sofrimento e qual a sua origem, e podemos e devemos perguntar, de imediato a razão pela qual Deus nos deixa sofrer” (RAHNER, 2011, p. 14-15).

Porém, a razão para este sofrimento será sempre respondida através da afirmação dada na encarnação de Jesus, na qual Deus assume cada fraqueza humana e acolhe na sua cruz uma humanidade ferida e sedenta. Em sua cruz Ele fala aos corações e nela se faz próximo, solidário com os sofrimentos da história. Desse modo, convida o homem, diante de sua pobreza e finitude, a abraçar o caminho de esperança na vida, cuja fonte se encontra nele, na sua própria Ressurreição como verdadeira Boa Notícia e anúncio da vida eterna: “Visto que podemos pensar a vida eterna sem o recurso ao sofrimento, esta pode ser pensada como meio de ultrapassar o sofrimento” (RAHNER, 2011, p. 42).

Assim, abraçar a cruz de Cristo é o convite que o homem tem de abraçar a sua própria cruz e fazer dela um caminho para a ressurreição:

Deste modo, a «palavra da Cruz» (1 Cor 1, 18) chama, surpreendente, o discípulo a seguir: por meio da Cruz – na pobreza, na fraqueza, na dor e até no abandono da morte – podemos encontrar o Deus da vida. Na dor, o Senhor crucificado está do nosso lado, conosco e por nós. Com ele torna-se possível fazer do nosso sofrimento um caminho de fé e uma aurora de vida, vivida e doada cada vez mais pelos outros (FORTE, 2020, p. 26, tradução nossa)<sup>2</sup>.

O mistério Pascal de Cristo, portanto, não é apenas evento que exige passividade, mas, sobretudo, é o caminho de sentido, a verdadeira razão da esperança cristã que o homem é convidado a abrir-se e mergulhar-se. Trata-se de confrontar a contemporaneidade e suas dores com a paixão, morte e Ressurreição de Jesus porque nela o homem abraça a certeza de algo de novo para a sua vida que não irá terminar nas desgraças e nas angústias vividas, mas vai caminhar para além disso, isto é, um novo começo (FORTE, 2020, p. 28-30). Assim, é fundamental que nestes tempos de coronavírus o homem deixe ser tocado por Deus e pelo seu mistério de amor que fala aos corações e firma aliança com os seus: “Alcançados pelo toque de Deus na Cruz e ressurreição de Jesus, fonte de vida vitoriosa e segura, poderemos trilhar o caminho escuro da provação [...]” (FORTE, 2020, p. 27, tradução nossa)<sup>3</sup>.

É diante consequências negativas da pandemia que as mentes e os corações de tantos são golpeados e, por isso, muitos vivem a procura de novos horizontes que possam dar sentido e contribuir para a saída da crise. A esperança cristã está neste horizonte pandêmico e se faz presente através da vida que precisa romper com todas as atitudes que demonstrem morte: “Em um mundo de morte, a fé cristã anuncia a vida eterna como a esperança com a qual o ser humano pode viver e morrer. Cabe a nós tirar força dessa esperança para moldar apropriadamente a nossa vida e para moldar o mundo” (AUGUSTIN, 2020, p. 31, tradução nossa)<sup>4</sup>.

Faz-se presente, ainda, a proteção e qualidade de vida que toda comunidade precisa colocar em prática, sendo um chamado a toda comunidade de fé que se une plenamente aos

---

<sup>2</sup> “De este modo, la «palabra de la Cruz» (1 Cor 1, 18) llama, de una manera sorprendente, al discípulo al seguimiento: por la vía de la Cruz – en la pobreza, en la debilidad, en el dolor e incluso en el abandono de la muerte – podemos encontrar al Dios de la vida. En el dolor, el Señor crucificado está de nuestra parte, con nosotros y por nosotros. Con Él se vuelve posible convertir nuestro sufrimiento en un camino de fe y en una aurora de vida, vivida y entregada cada vez más por los otros” (FORTE, 2020, p. 26).

<sup>3</sup> “Alcançados por el toque de Dios en la Cruz y resurrección de Jesús, fuente de vida vitoriosa y segura, podremos recorrer el oscuro camino de la prueba [...]” (FORTE, 2020, p. 27).

<sup>4</sup> “En un mundo de muerte, la fe cristiana anuncia la vida eterna como esperanza con la que el ser humano puede vivir y morir. Nos corresponde sacar fuerzas de esa esperanza para dar forma acertadamente a nuestra vida y para configurar el mundo” (AUGUSTIN, 2020, p. 31).

irmãos que sofrem as dores da contemporaneidade. A vulnerabilidade humana, portanto, é desmascarada e, à luz do mistério Pascal de Cristo, os homens encontram verdadeiramente a segurança da vida que rompe com todos os modos de morte presentes na pandemia (AUGUSTIN, 2020, p. 33-35).

Nesse sentido, pode ser observado que a esperança cristã, é situada neste cenário do projeto salvífico vivido em Jesus Cristo Ressuscitado. Sendo uma experiência religiosa, o homem é convidado a abrir-se a ela, para que viva verdadeiramente a esperança através da atualização do mistério Pascal de Jesus Cristo no cotidiano da vida. À luz deste mistério, portanto, é possível se encontrar diante de um caminho que seja o de sentido para todo sofrimento humano.

### **1.3 A religião e a espiritualidade como recursos no enfrentamento do sofrimento gerado pela doença do coronavírus<sup>5</sup>**

A ameaça da morte iminente, resultado do avanço da doença causada pelo coronavírus, levou o governo de cada país a adotar medidas restritivas como a prática de quarentena, que em muitos casos foi chamada de isolamento e distanciamento social. Tais medidas foram suficientes para que o número de pessoas com doenças psiquiátricas crônicas aumentasse significativamente<sup>6</sup> e, ao mesmo tempo, a busca por instrumentais espirituais e religiosos que, a seu modo, pudessem conferir sentido à dor e ao sofrimento do enfermo e das pessoas que mais diretamente o circundam<sup>7</sup>.

Em se tratando de uma emergência em saúde global, tem-se que o impacto na saúde mental e no modo de vivenciar a religião foi inevitável, já que estes dois aspectos sendo trabalhados juntos são capazes de interferir positivamente na qualidade de vida das pessoas durante a Pandemia, haja vista os estudos que relatam a religião e a espiritualidade como recursos no enfrentamento da Covid-19 (SCORSOLINI-COMIN; et al., 2020, p. 05).

Diante do enfoque dado à religião e espiritualidade como instrumentais necessários para o enfrentamento da pandemia, faz-se necessário destacar a compreensão que apresenta como norteador a maneira com que o sujeito se relaciona com aquilo que não está

---

<sup>5</sup> Embora o autor use o conceito de religiosidade – que está em sentido *lato* – (cf. SCORSOLINI-COMIN; et al., 2020), será adotado neste texto o conceito de religião para melhor compreensão da ideia, já que não será tratado de um fenômeno religioso específico que abarque a religiosidade popular ou questões similares, mas da própria religião em si como um recurso que o fiel se utiliza para viver os dramas de tal sofrimento.

<sup>6</sup> Cf. <https://www.cnnbrasil.com.br/saude/pandemia-de-Covid-19-provoca-aumento-global-em-disturbios-de-ansiedade-e-depressao/>. Acesso em: 15/03/2022.

<sup>7</sup> Cf. <https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2021/04/pessoas-da-pandemia-de-Covid-19-levam-a-maior-busca-por-religoes-e-tecnicas-de-meditacao.shtml>. Acesso em: 15/03/2022.

condicionado à materialidade à sua volta (SCORSOLINI-COMIN; et al., 2020, p. 06). Isto quer dizer que as relações transcendentais do sujeito podem contribuir com o modo que enfrenta as situações de isolamento, dor e luto na crise pandêmica.

A R/E [religiosidade e espiritualidade] oferece ao sujeito uma possibilidade de conexão e de descrição de si para além dos critérios materiais, pode ser um recurso de manutenção de saúde, de construção de outras estratégias que deem sentido às vivências, por vezes dolorosas, decorrentes de qualquer pandemia (SCORSOLINI-COMIN; et al., 2020, p. 06).

Sendo a religião e a espiritualidade recursos que acompanham a vida humana desde os seus primórdios, são também elementos necessários para as situações de crises vividas pelo ser humano. Assim, torna-se importante a acolhida destes caminhos para que, unindo-se aos protocolos de saúde para a amenização da disseminação da doença e das práticas científicas no que se refere à saúde humana, a religiosidade e a espiritualidade contribuam com a dimensão da subjetividade do sujeito, isto é, na aceitação de si e do seu sofrimento abraçam um caminho de sentido para a vida (ARANTES; et al., 2007, p. 85-86).

Ao observar a construção de sentido e o ordenamento de vida de cada indivíduo, ao se utilizar de recursos ligados ao subjetivo de cada pessoa, o psicólogo norte-americano Kenneth Pargament apresentou o conceito de *coping*<sup>8</sup> religioso e espiritual. A prática leva em consideração a “[...] utilização da religião, espiritualidade ou fé para o manejo de estresse, presentes nos momentos de crise. [...] ademais, a religiosidade e a espiritualidade, surgem como possíveis estratégias satisfatórias no enfrentamento de doenças” (BATISTA; CÔRREA; HOLANDA, 2016, p. 63). Diante das situações de sofrimento humano – como a crise pandêmica da Covid-19 –, portanto, é conveniente aos homens a possibilidade de enfrentamento junto de recursos que não estão condicionados estritamente às ciências técnicas, mas está na mesma medida relacionada à fé.

Pensar a religiosidade hoje tem sido oportuno, porque destaca o quanto a espiritualidade é levada em consideração no lidar-se com o sofrimento global. Desse modo, é perceptível a atuação da religião que confere – através de cada experiência religiosa em si – o sentido no qual muitos buscam enfrentar as condições dolorosas (ARANTES; et al., 2007, p. 85). Em se tratando de uma teologia da esperança cristã, portanto, faz-se necessário compreender uma atuação que oportuniza uma reflexão do mistério Pascal de Cristo em diálogo com a contemporaneidade e as situações de vulnerabilidade humana em questão. A

---

<sup>8</sup> Para Batista, Côrrea e Holanda, *coping* possui “significados associados à ‘enfrentar’, ‘manejar’, ‘lidar com’ ou ‘adaptar-se’” (BATISTA; CÔRREA; HOLANDA, 2016, p. 63).

religião sempre tem algo a dizer e, não obstante, a teologia cristã não apenas diz, mas leva à uma nova experiência, o homem sofredor diante do Deus sofredor: “A crise do coronavírus nos desafia a abordar nossa humanidade com referência a Deus e nossa existência no mundo” (AUGUSTIN, 2020, p. 35, tradução nossa)<sup>9</sup>.

Assim, levando em consideração a novidade da Covid-19 e, com isso, a falta de instrumentais medicamentosos para a contenção efetiva da doença, foram necessários, como supracitado, protocolos sanitários de isolamento e distanciamento social, propostos para a queda das curvas de contágio do vírus. Tais protocolos, nesse sentido, apontaram para consequências diversas como, por exemplo, a esperada porcentagem que apresenta diminuição na disseminação da doença, mas, sobretudo, apontaram para aquilo que Scorsolini-Comin F., et al chama de “desamparo aprendido” (SCORSOLINI-COMIN F., et al, 2020, p. 08). Para estes autores o conceito se associa ao fenômeno da depressão no qual o sujeito, além de se sentir solitário, não se adapta à nova situação e o seu emocional se descontrola. Nessa perspectiva, pode-se observar que:

[...] existe uma *relação positiva* da R/E [religiosidade e espiritualidade] com o estilo de vida, a qualidade de vida, felicidade e promoção de saúde, sendo um recurso disponível, acessível e que pode ser investido e incentivado nesse momento crítico vivenciado mundialmente (SCORSOLINI-COMIN F., et al, 2020, p. 08, grifo nosso).

É de uma relação positiva, nesse sentido, que se torna possível falar de Deus em meio às tragédias humanas, que no contexto contemporâneo se expressa enquanto pandemia de um vírus mortal. Deus não é indiferente ao que acontece na humanidade e, assim, também não pode ser indiferente à relação que o sujeito tem para com Deus, já que em Deus, o ser humano pode configurar a sua vida de modo que ela tenha um sentido especial (RAHNER, 2011, p. 52-54).

O sofrimento humano vivido nesta crise pandêmica só se compreende a luz do mistério Pascal de Cristo, já que neste mistério, um Deus que sofre com o homem, é revelado. Desse modo, portanto, é na cruz e Ressureição de Jesus que a esperança cristã se sustenta e se fundamenta (RAHNER, 2011, p. 53). Giorgio Cavalleri ao escrever sobre este Deus, afirma: “[...] o Deus encarnado na história dos homens, o Deus da ‘graça a alto preço’, que caminha nas estradas dos homens e que se põe ao lado dos desfavorecidos e ultrajados” (CAVALLERI, 2019, p. 135).

---

<sup>9</sup> “La crisis del coronavirus nos reta a abordar con referencia a Dios nuestra humanidad y nuestra existencia en el mundo. La crisis pone en evidencia lo que antes de ella no estaba en orden en nuestra vida y en nuestro mundo” (AUGUSTIN, 2020, p. 35).

É essencial, portanto, que a centralidade da espiritualidade esteja sendo levada em consideração no acompanhamento aos pacientes paliativos, já que por esses instrumentais a vida que sofre vai ganhando significado e busca constantemente uma esperança que verdadeiramente seja um caminho de superação da dor (ARANTES; et al., 2007, p. 85-86). Nesse sentido, é possível compreender a importância da religiosidade e da espiritualidade quando estas contribuem para o exercício da esperança, ou seja, no tempo da dor, aquele que sofre é capaz de entender que não sofre sozinho, mas que existe um Deus sofrendo junto. Assim, o processo de aceitação do sofrimento se torna mais concreto, conforme apresenta a pesquisa que segue: “Avaliações e intervenções espirituais destacadas para a promoção do conforto e a diminuição da dor foram: vontade de escutar, atenção e aceitação” (ARANTES; et al., 2007, p. 85).

Quase sempre transformar a dor não compete aos homens, mas dar sentido a ela através do modo como que se enfrenta pode ser atitude promissora. Diante disso, a espiritualidade cristã é oferecida como ferramenta de terapia plausível, que pode ser eficaz ao tratamento (BRAGA, 2021, p. 16-17). Isto porque Deus é, por si só, sentido aos que estão sofrendo. Assim, diante do marco pandêmico da Covid-19 no qual a luta pela sobrevivência grita aos homens, “[...] a espiritualidade dá sentido de continuidade, diante da expressão que a vida não finda com a morte do físico. [...] de acordo com o enfraquecimento físico percebem o fortalecimento espiritual e enxergam a *morte como passagem* para outra dimensão” (BRAGA, 2021, p. 17, grifo nosso).

Desse modo, pode ser observado que o contributo da religião e da espiritualidade podem ser recursos satisfatórios para que a dignidade da vida humana seja um fato, já que a partir destes recursos, a morte e a opressão deixam de ter vez. Levando em consideração que em tempos de crise sanitária o homem corre o risco de se rebaixar a meros números, os recursos da religião e da espiritualidade entendem que o homem foi feito para algo muito maior, elevando, assim, a sua dignidade e dando esperança de uma continuidade feliz para a vida.

#### **1.4 A ética evangélica e a atenção à saúde e ao sofrimento humano**

Em toda a vida de Jesus é possível encontrar atenção especial aos que sofrem e, de modo atenuante, atenção aos que tem saúde fragilizada e morte iminente. Nesse sentido, os Evangelhos narram o modo de Jesus atuar nas situações de dor física, configurando-as em alegria, alívio e redenção (CASTILLO, 2015, p. 306-307). A coroação de toda vida de Jesus,

portanto, se dá na sua Ressurreição, no qual apresenta o sentido do seu caminho de Cruz e é fundamento de toda crença cristã como ponto crucial e decisivo.

Assim, o evento Ressurreição não é meramente reanimação de um cadáver, mas, para, além disso, “[...] foi alcançada uma nossa possibilidade de ser homem, uma possibilidade que interessa a todos e abre um futuro, um novo gênero de futuro para os homens” (RATZINGER, 2020, p. 219-220). Nesta sua experiência de vida e pela vida, portanto, ganha sentido a vivência cristã neste mundo que é orientado pelas experiências de dor e sofrimento.

Jesus de Nazaré em sua experiência histórica anunciou o Reino de Deus de um modo sempre novo e, neste anúncio, mostrava sua verdadeira preocupação: a saúde humana (CASTILLO, 2015, p. 302-306). Pensar Jesus hoje significa abrir-se para aquele homem que passou fazendo o bem, curou os enfermos e libertou os cativos, transmitindo mensagem de esperança para um povo fracassado, excluído e doente.

Desse modo, tal qual a esperança cristã, a mensagem do Reino e as atitudes de Jesus, os homens e as mulheres de hoje são convidados a fazerem uma experiência com este Jesus que se identifica com a própria condição de ser humano: “*Deus se encarnou e se identificou com aquilo que é comum a todos os seres humanos sem distinção alguma*” (CASTILLO, 2015, p. 202, grifo do autor).

Ainda que odiado por mestres religiosos do seu tempo e provocar rejeição e escândalo, sua preocupação primeira era levar vida e aliviar sofrimentos. Nesse sentido, Jesus é, por assim dizer, o verdadeiro e mais fiel protótipo da esperança cristã, já que na doença, exclusão e dor, falava de um Reino de libertação, dignidade e paz:

[...] Isso quer dizer obviamente que, para Jesus, do modo como nos apresentam os redatores dos evangelhos ainda, o problema da saúde humana foi uma preocupação de primeira importância. Sem dúvida alguma, Jesus considerou que melhorar a saúde das pessoas e dar vida às pessoas era uma tarefa fundamental em sua vida e na missão que tinha que cumprir para nos falar de Deus e para nos tornar Deus presente (CASTILLO, 2015, p. 302).

É importante a pergunta sobre as curas prodigiosas que Jesus de Nazaré realizava em seu tempo, porém, antes, é necessário o questionamento sobre a mensagem que Jesus buscava levar através das suas ações. Nesse sentido, é presente nos Evangelhos os mais diversos modos de curar enfermos, libertar os oprimidos, ressuscitar os mortos etc., porém, acima de cada fato histórico relatado, existe uma mensagem religiosa (CASTILLO, 2015, 304). É justamente na mensagem religiosa presente nos Evangelhos dada em cada milagre feito por Jesus, que a esperança cristã é fundamentada. Isto quer dizer que nas suas curas realizadas,

muito mais do que fato médico ou cura milagrosa, é apresentado a verdade da vida que vence a morte (CASTILLO, 2015, p. 309).

Apesar de uma mentalidade própria do século I, certamente o Evangelho foi escrito para a comunidade de fé, isto é, homens e mulheres crentes, que crendo na verdade revelada e anunciada por Jesus de Nazaré, nela apoiam a sua esperança, como indica José M. Castillo: “[...] *para Jesus, uma das coisas mais fundamentais da vida é a saúde das pessoas*. Com isso Jesus estava dizendo que uma das coisas que Deus quer acima de tudo e que mais interessam a Deus é a saúde, a vida, a dignidade e a felicidade dos seres humanos” (CASTILLO, 2015, p. 306-307, grifo do autor).

Ao afirmar uma mensagem que está por trás de fatos históricos, faz-se necessário o convencimento de que a vida – seu valor e importância – se sobressai e ocupa o primeiro lugar (CASTILLO, 2015, p. 308-309). Se é que se pode falar em grau de importância, a vida humana tem sempre a primazia nos escritos evangélicos já que Jesus de Nazaré não apenas se preocupava em realizar meros atos prodigiosos, mas para, além disso, curava porque queria libertar e levar dignidade. Isto modifica uma mentalidade que colocava o culto em primeiro lugar, dava a primazia aos ritos e leis, além de colocar em xeque a mentalidade que se tinha sobre Deus, notável com clareza na atitude do Bom Samaritano que se aproxima, olha e se move de compaixão (Lc 10, 29-37):

Trata-se, portanto, de uma mensagem *religiosa* que *modifica radicalmente a religião*. Porque significa que a religiosidade precisa ser entendida e praticada de maneira tal que, antes do culto religioso, das cerimônias sagradas, das rezas, dos templos e de todas as suas liturgias encontra-se a vida das pessoas, a saúde das pessoas, a dignidade e a felicidade dos seres humanos. Dito de outra forma, *para Jesus [...] o humano vem antes do sagrado, antes do religioso e, inclusive, antes do supostamente divino*. E a razão é clara: o Deus de Jesus não se encarnou nem no ‘sagrado’, nem no ‘religioso’, mas sim ‘no humano’ (CASTILLO, 2015, p. 307, grifos do autor).

Na incapacidade de acolher a mensagem revelada como verdade de Deus, é perceptível nos escritos sagrados que a mentalidade presente naquele momento histórico tinha dificuldades em se abrir às atitudes de Jesus. Trata-se de uma geração de fariseus e doutores da lei que, preocupados com sinais falsos para condenar Jesus (Mc 8, 11,12), tinham o coração fechado para o maior sinal necessário: o próprio Jesus encarnado, Senhor da vida e da libertação. Assim nos aponta o autor:

[...] o que na realidade dizem os evangelhos é que o ‘sinal’ da autenticidade de Jesus, o ‘sinal’ que o céu dá em favor de Jesus, *não está no fato de Jesus fazer prodígios e maravilhas, mas em Jesus vencer a morte*. [...] em Jesus e mediante o

que Ele realizou, a vida vence a morte. Não se trata, portanto, nem de ações que superam as leis da medicina, nem de prodígios de tipo mágico. Trata-se de algo muito mais simples e mais próximo: *Jesus foi tão profundamente humano que se pôs do lado da vida e deu vida, vencendo as forças da morte* (CASTILLO, 2015, p. 308-309, grifos do autor).

Portanto, pode ser observado que aderir ao projeto de Jesus, significa aderir à mentalidade que preza pela vida, que torna a prática da esperança essencialmente central na religiosidade cristã, já que ela que vai sustentar a vida e ser fundamento para a sua busca. Ainda que isso cause confronto com mentalidades políticas e religiosas<sup>10</sup>, o projeto de Jesus e de seu Reino instaurado, é o de configurar as ações dos seus seguidores, de modo que possam colaborar para este Reino, mas, sobretudo, para o Reino que também há de vir (CASTILLO, 2015, p. 309).

Segundo o imperativo evangélico: “Ide!”, o que deve estar ocupando o primeiro lugar na vida dos homens e mulheres que creem é o respeito, cuidado e dignidade diante da vida humana que sofre com a dor da enfermidade, da morte e do luto (CASTILLO, 2015, p. 314-315). Contudo, sofrem ainda com a radicalidade de doutores da lei que esperam por sinais vindos do céu e, tão facilmente, se fecham à Boa Notícia do Evangelho de Jesus Cristo Ressuscitado que vencendo a morte, dá vida e libertação.

### **1.5 A esperança cristã no acompanhamento aos enfermos**

A esperança precisa ser o modo vivo e ardente de encarar uma crise levando os homens e mulheres de hoje a não sepultarem suas vidas e, ainda mais, a não entenderem o seu sofrimento como o ponto final. Para além do sofrimento humano precisa existir uma esperança viva, que mova o coração ao convencimento das possibilidades que acompanham a vida, seja qual for o sofrimento. Diante da crise sanitária que se desdobra no contexto pandêmico, os pacientes são os primeiros convidados a encontrarem sentido a partir da esperança cristã que abre possibilidades para uma novidade: a Ressurreição. O Papa Francisco, no prólogo da obra *Dios en la pandemia* apontando para esta Ressurreição, afirma:

Em meio da crise, celebramos a Páscoa, ouvindo a mensagem pascal da vitória da vida sobre a morte. Essa mensagem nos diz que, como cristãos, não devemos nos

---

<sup>10</sup> Isto é evidenciado nas ações prodigiosas de Jesus, já que o fato de realizar curas indignava as autoridades do seu tempo, levando em consideração aqui uma mentalidade que situava a lei, a religião e o seu culto antes da vida. Os escritos evangélicos dão a isto significativa importância, como por exemplo, a narração de Mc 3, 1-5, na cura do homem em dia de sábado, além de outras tantas narrações. A luta de Jesus se dava, portanto, pela religião que precisava estar a favor da vida e não a vida a favor da religião (CASTILLO, 2015, p. 315-322).

deixar paralisar pela Pandemia. A Páscoa nos dá esperança, confiança e encorajamento [...] (KASPER, 2020, p. 10, tradução nossa)<sup>11</sup>

A esperança, por si só, já é capaz de confrontar o paciente com alguma realidade que, possivelmente, é uma saída para o seu sofrimento. Assim, aquele que sofre não mais está condicionado meramente à técnica médica (KÜBLER-ROSS, 2017, p. 143-145), mas, para além disso, a sua cura já é vislumbrada e possivelmente concreta: “O que o sustenta através dos dias, das semanas ou dos meses de sofrimento é este tipo de esperança. É a sensação de que tudo deve ter algum sentido, que pode compensar, caso suporte por mais algum tempo” (KÜBLER-ROSS, 2017, p. 144).

É por isso que é afirmado sobre a significação do sofrimento, não sendo um caminho que se traduz em fuga ou mesmo negação deste, mas, sobretudo, um caminho de superação que aponta para algo de novo, que verdadeiramente seja o sentido da espera (KÜBLER-ROSS, 2017, p. 144). A significação do sofrimento a partir de uma espera futura é, por si só, tratativa de esperança e é nisto que o paciente se apoia.

Trata-se, nesse sentido, de uma espera que ativamente constrói a realidade que se busca, ou seja, trazendo agora a cura como possibilidade real. Deste modo, a cura não está no fim do caminho, mas se torna possível de ser vivida já no hoje da história. Não se espera passivamente como se tudo pudesse cair do céu no dia futuro, mas se espera de modo ativo, isto é, acreditando hoje que existe um sentido para a luta que se trava: a razão da esperança é justamente essa, ou seja, configurar a dor de agora na satisfação de amanhã, consistindo em “[...] remeter para a vida eterna, depois da morte, a nossa história cheia de sofrimento” (RAHNER, 2011, p. 41). Isto explica inúmeras experiências que mostram pacientes desesperados, isto é, que perderam a razão da espera, não guardam mais esperança e que abraçam o ponto final das suas vidas.

É um conflito que, por primeiro, substitui a esperança pela desesperança, em que a equipe médica, a família e o próprio paciente já fez valer, quando ainda a esperança lhes era fundamental. E, ainda, é um conflito interior, fonte de angústia dada pela incapacidade de aceitar a morte iminente e seus respectivos sofrimentos últimos (KÜBLER-ROSS, 2017, p. 145). Todos esses conflitos vão conferindo ao paciente uma passividade diante da vida que é chamado a viver e aceitar, perdendo a capacidade de entender tudo com a força da esperança

---

<sup>11</sup> “En medio de la crisis hemos celebrado la Pascua, escuchando el mensaje pascual de la victoria de la vida sobre la muerte. Ese mensaje nos dice que, como cristianos, no debemos dejarnos paralizar por la pandemia. La Pascua nos proporciona esperanza, confianza y ánimo [...]” (KASPER, 2020, p. 10).

ativa. Trata-se, portanto, da “[...] substituição da esperança pela desesperança [...] quando a esperança ainda era fundamental para o paciente” (KÜBLER-ROSS, 2017, p. 145).

A Doutora Elisabeth Kübler-Ross afirma sobre a necessidade deste acompanhamento na medicina paliativa, no qual o paciente não se sente abandonado quando lhe for tirada as possibilidades de cura: “Este paciente guardará um fio de esperança, e continuará vendo em seu médico um amigo que ficará ao seu lado até o fim” (KÜBLER-ROSS, 2017, p. 146). Assim, o paciente conserva um “fio de esperança”, porque entende que a equipe médica e sua família não o desprezam e busca sempre se fixar na certeza de uma saída.

É justamente isso que a esperança cristã realiza em seus fiéis, que se traduz nas palavras de Cezar Kusma ao comentar a obra de Jürgen Moltmann: “Em todo fim está oculto um novo começo [...]” (KUZMA, 2014, p. 101). Diante das crises que o sofrimento proporciona e, particularmente, diante desta crise sanitária mundial, “[...] a única coisa que geralmente persiste [...] é a esperança” (KÜBLER-ROSS, 2017, p. 143).

Faz-se necessário observar que a tradução da esperança trabalhada sob a perspectiva médica, deixa de ser um instrumental técnico e, para esta reflexão de cunho teológico, ganha um sentido escatológico (KUZMA, 2014, p. 52-55). Assim, o modo de se compreender o proposto pelo olhar médico, não tem outra razão se não pelo horizonte da esperança cristã. O “novo começo” afirmado por Jürgen Moltmann – conforme o supracitado – é orientado pela perspectiva escatológica que situa o crente na espera da vida plena, isto é, o Reino de Deus:

O Reino de Deus também surge como novo paradigma de uma esperança que proclama a liberdade, a igualdade e a justiça, a ponto de se fazer realizar já no presente esse destino futuro. [...] Nesse contexto teológico que se abre à promessa do Reino, o presente se apresenta como um kairós que desafia o tempo para a realização da esperança escatológica” (KUZMA, 2014, p. 50-51, grifo do autor).

Nesse sentido, ao propor a perspectiva da esperança cristã em um horizonte escatológico, deseja-se situar o homem e a mulher de fé a caminho da sua plena realização (KUZMA, 2014, p. 51). Baseando-se na promessa feita no Antigo Testamento e consumada em Jesus Cristo, a humanidade agora passa a também buscar esta concretização do Reino que há de vir. Assim, por meio da experiência de sofrimento vivida na enfermidade, é garantido um tempo oportuno para que o homem se encontre com o sentido da sua espera: “Ele [Jesus] não promete outra vida separada desta, mas faz acontecer já nesta vida a vontade de Deus; apresenta a todos a sua Boa-Nova, a sua salvação” (KUSMA, 2014, p.51).

No que diz respeito à esperança cristã, trata-se de uma espera ativa na qual o enfermo não mais fica à mercê de um fim, mas, antes, aguarda a realização de um novo começo em

Jesus Cristo, como atualização do seu evento salvífico: a cruz que leva a Ressurreição (MOLTMANN, 1971, p. 241-245). Esperar a cura, nesse sentido, significa também esperar a vida em um significado amplo e concreto: a vida eterna. O homem não caminha para o nada, mas se coloca a caminho de uma novidade que tem como referência o próprio mistério Pascal implicando em uma vida que vence a morte, isto é, a vida plena e eterna:

A aceitação do evento da Ressurreição de Cristo é, portanto, um conhecimento cheio de esperança e expectativas. Neste evento é percebida a latência da vida eterna, a qual, a partir da negação do negativo, da ressuscitação do Crucificado e da exaltação do Abandonado, se eleva até o louvor de Deus (MOLTMANN, 1971, p. 246).

### **1.6 Morte e luto a partir da Teologia cristã**

O atual momento da vida humana está sendo marcado pela crise catastrófica em escala global de um vírus mortal que tem proporcionado amargas experiências de sofrimento, já que a morte é considerada iminente e o luto como consequência dolorosa imposta aos que mais diretamente circundam o que foi contaminado. Assim, é possível uma discussão acerca do sentido de vida que a teologia cristã pode oferecer, haja vista uma cristologia que apresenta Jesus Cristo como núcleo fundamental deste sentido:

Três horas da tarde. Trevas cobrem a terra. Jesus exclama: ‘Eli ‘atta! Meu Deus, és tu!’ Confiança radical no maior abandono e sofrimento. Morte precedida de angústia mortal até suar sangue. Mas morte de Filho que se entrega a Deus Pai (BINGEMER; LIBÂNIO, 1985, p. 148).

As reflexões teológicas não apenas apresentam uma dimensão teórica de um Deus que, feito homem, redime a humanidade pela morte de cruz, mas, ainda mais, é capaz de levar a cada mulher e homem de fé no hoje da história, à compreensão da prática libertadora de Jesus. Nesse sentido, diante deste plano de salvação se compreende a missão do Filho, isto é, uma vida do homem Jesus de Nazaré, bem como sua paixão, morte e Ressurreição, que confere sentido a toda humanidade que sofre as dores da Covid-19 no presente século (FERREIRA, 2021, p. 106-107).

A encarnação de Jesus revela um Deus que assume verdadeiramente a condição humana e, com isso, diante da dor, é possível falar de um Deus que a assume para si, fazendo também a experiência do sofrimento por meio da cruz. Nos inúmeros versículos que versam sobre algum tipo de sofrimento de Jesus de Nazaré, é possível encontrar aquele que, diante da morte, narra a experiência da sua dor, isto é, seu choro: “Esse [a morte de Lázaro] pode ter

sido o episódio envolvendo o luto que mais afetou o Jesus homem, mas certamente não foi o único momento em que Ele teve de estar à frente com esse dilema dos humanos [...]” (Jo 11, 35).

A triste experiência do luto e das doenças que afetava as famílias no tempo de Jesus, apresenta uma das suas principais preocupações: seu cuidado e atenção à vida e saúde das pessoas. E para auxiliar na compreensão do Curador da Vida, tem-se que sua missão indica uma verdade: o homem foi feito para a vida.

**Não fomos feitos para a morte e, mesmo que tentemos, não iremos nos acostumar com sua presença.** Isso se dá porque, a bem da verdade, o ser humano não foi projetado para morrer. Se tomarmos lembrança dos atos da criação, não encontraremos o desfecho: “então, Deus criou a morte”. A morte é o salário do pecado e nossa aversão a ela é uma seta que aponta para a Vida (COSTA, 2020, p. 83, apud, FERREIRA, 2021, p. 110, grifo do autor).

É diante, portanto, do sofrimento moral, psicológico e espiritual que a esperança cristã tem algo a dizer para as mulheres e homens de hoje, afetados pela crise e impelidos a enfrentar na dor do isolamento e distanciamento social. É na certeza do Deus encarnado, preocupado com a vida, que se rompe com as trevas do sofrimento. Nesse sentido, trata-se do Deus que assegura à humanidade a vida e a oferece abundantemente, sobretudo aos sofredores, conforme indica Bruno Reis Ferreira ao propor a reflexão da experiência de Jesus diante da morte de seu amigo Lázaro e do luto enfrentado pela família: “Aqui já encontramos o conhecimento de que haverá uma ressurreição escatológica, e isto se confirma quando em seguida Jesus manifesta-se: ‘Eu sou a ressurreição e a vida; quem crê em mim, *ainda que morra, viverá*’” (FERREIRA, 2021, p. 110, grifo do autor).

Bruno R. Ferreira resgata a ideia de “contemplação da esperança” (FERREIRA, 2021, p. 111), pela qual confere aos sofredores a certeza de sentido, isto é, configura a experiência do sofrimento do corpo, da morte e do luto em contemplação que aponta para a libertação. Assim, em se tratando de uma realidade inevitável e inerente a todo ser humano, o caminho que se propõe é justamente o de conferir sentido já aqui, no exato momento pandêmico, através das mesmas lutas de Jesus de Nazaré, ou seja, oferecer vida e dignidade. Deste modo, o maior sinal da esperança hoje é compreender a crise sanitária como oportunidade para melhorar as condições de saúde de tantos que sofrem e, ainda, ser consolo para os familiares enlutados (FERREIRA, 2021, p. 112).

O tema da morte na perspectiva cristã ganha consistência a partir da Ressurreição, ou seja, tem seu sentido plenificado quando, ao olhar para a Ressurreição de Jesus, entende-se

também a Ressurreição dos homens (BINGEMER; LIBÂNIO, 1985, p. 162). Assim, no sofrimento humano de morte iminente vivido nesta pandemia de modo isolado e distante, cabe aos homens olhar para o mistério Pascal de Cristo como caminho de aceitação, confiança e, sobretudo, entrega (BINGEMER; LIBÂNIO, 1985, p. 148). Esta é, nesse sentido, a novidade que a fé apresenta para o evento que é próprio, inerente, comum e natural do ser humano, a morte.

Ao propor uma reflexão sobre a morte a partir da fé cristã, faz-se necessário levar em consideração a crítica da morte burguesa cuja teologia da Maria C. Bingemer e do João B. Libânio se debruçam. Esta é – a morte burguesa – por assim dizer, a negação da morte em si, já que, em se tratando de um humanismo materialista que está em constante busca pelo prazer egoísta através de uma perspectiva meramente individualista, apenas supervaloriza a vida presente para negar a morte – a vida futura – enquanto fato: “Humanismo materialista, porque, ao valorizar tanto a vida presente, elimina a vida futura e esvazia, no fundo, a própria vida presente” (BINGEMER; LIBÂNIO, 1985, p. 172).

Desse modo, pode ser afirmado um pensamento irresponsável e autenticamente não cristão, já que: “Cortando a morte da vida, corta-se a vida da vida eterna. Portanto, de sua última fonte de vida” (BINGEMER; LIBÂNIO, 1985, p. 172). A ideia é levar os crentes a encontrar, pela fé, o caráter de definitividade da sua vida, ou seja, dar sentido para sua vida através da compreensão da vida que existe além da morte (BINGEMER; LIBÂNIO, 1985, p. 172).

Esta é a missão da esperança cristã enquanto experiência de fé de aceitação e oferta a Deus neste caminho percorrido no hoje da história humana, ou seja, levar a cada ser humano a bem morrer, confiante no Deus que oferece vida (BINGEMER; LIBÂNIO, 1985, p. 172). Desse modo é que o homem encontra sentido que confere, assim, responsabilidade neste próprio caminho humano de entrega a Deus. O silêncio sobre a morte cristã não vem de Deus e quem se silencia sobre ela não tem outra preocupação, se não, a produção e o consumo desenfreado, a individualização e o egoísmo, o materialismo e o prazer limitado e momentâneo. Portanto, pode ser concluído que:

O silêncio sobre a morte só pode vir de quem considera a morte como silêncio de tudo. Visão materialista. Para a fé cristã a morte é passo para a comunhão. Último passo. Por isso, não precisa ser escondida. Antes preparada. A banalização da morte só pode vir de quem não vê a morte além do prisma de objeto de consumo. A fé revela-nos a morte como momento em que o sujeito se abre para dimensões nunca antes suspeitadas (BINGEMER; LIBÂNIO, 1985, p. 173).

Existe um contraste, portanto, entre a morte burguesa e a morte cristã, e este é, sem dúvida, definido quando há aceitação e amor e não quando ela é camuflada a todo tempo em busca de prazeres que passam. Diante do contexto de morte iminente deixado pela pandemia da Covid-19, a sociedade moderna precisa ser capaz de acolher a morte que faz – no hoje – homens que se entregam a Deus e ao outro pelo amor: “Silêncio e banalização desconhecem a dimensão do amor, que a morte pode assumir. Jesus colocou como critério máximo do amor dar a vida” (BINGEMER; LIBÂNIO, 1985, p. 173).

É Deus quem caminha com a humanidade e não a deixa só e, assim, é para Deus que a humanidade é convidada a caminhar. Neste caminho humano de busca da plenitude da vida, a fé ajuda no processo da morte que é assumida como verdade e que é assumida, ainda, em união com o próprio Cristo: “A morte como último ato de liberdade de entrega de si ao Senhor da vida” (BINGEMER; LIBÂNIO, 1985, p. 174).

Em tudo o que foi afirmado quanto à morte burguesa, é possível encontrar homens que não estão abertos ao projeto de Jesus, isto é, mulheres e homens que estão, por sua vez, fechados à cruz do Senhor Jesus Cristo. Isto porque não estão verdadeiramente dispostos a encontrar no caminho da cruz a redenção, ou seja, encontrar pelo viés do mistério Pascal de Cristo, o desapego às coisas mundanas em favor da Ressurreição (BINGEMER; LIBÂNIO, 1985, p. 174-175).

Assim, como catequese feita por São Paulo aos filipenses, a comunidade de fé é convidada a abraçar um caminho que não seja pensando sob a ótica do mundo, mas, ao contrário, como cidadãos do céu: “Pois para mim o viver é Cristo e o morrer é lucro. [...] A nossa cidade está nos céus, de onde também esperamos ansiosamente como Salvador o Senhor Jesus Cristo, que transformará nosso corpo humilhado, conformando-o ao seu corpo glorioso [...]” (Fl 1, 21. 3, 20-21). Tudo isto é o chamamento de São Paulo à participação no Evangelho – progredir no Evangelho –, que significa, justamente, abraçar a cruz com total entrega e confiança, como fez o Cristo (PATTE, 1987, p. 233).

O Senhor da vida impele os homens de hoje a levantar voz contra a morte burguesa, caminhando em busca de dignidade para a vida dos pobres. Para a Maria C. Bingemer e João B. Libânio isto é um paradoxo, já que na morte burguesa os ricos a escondem à medida que buscam satisfações materialistas e egocêntricas e na morte do mundo dos pobres, esta assumida de modo indignamente prematura: “Paradoxalmente, a fé reage diante da morte no mundo dos pobres na defesa da vida mais longa” (BINGEMER; LIBÂNIO, 1985, p. 174).

A crise pandêmica contribui para um universo de desigualdades que tonalizam ameaças cada vez mais cruéis para o mundo dos pobres, fazendo com que estes sejam vítimas

certeiras do sofrimento. E não é este o propósito da esperança cristã, mas, lutar contra toda espécie de banalização da morte que retira tão cedo a vida dos que sofrem.

A pretensão burguesa é prolongar tanto a vida para esconder a morte. E contra ela, a fé reafirma a graça do morrer. Pelo contrário, em relação aos pobres, a fé se coloca firmemente do lado de uma vida ameaçada muito cedo. Lutar pela justiça para que o pobre possa viver mais. Porque sua morte é precoce e injusta. Não se quer abolir a morte – pretensão burguesa. Mas a injustiça de uma morte antecipada. Se Deus é Deus da vida e da justiça, atentados injustos à vida atentam contra Deus (BINGEMER; LIBÂNIO, 1985, p. 174).

Aqui se fala sobre o evento morte enquanto oportunidade de se viver com dignidade e, conseqüentemente, morrer com dignidade (BINGEMER; LIBÂNIO, 1985, p. 173-175). Mesmo diante do sofrimento pandêmico, é possível levantar voz a favor da vida, porque assim faz o Deus da vida: “[...] não tenho prazer na morte do ímpio; mas antes, na sua conversão, em que ele se converta do seu caminho e viva” (Ez 33, 11). O Deus que caminha com os homens nos seus dramas e sofrimentos, desde o Antigo Testamento fala ao seu povo eleito e para eles deseja vida: “Eis que vou fazer com que sejais penetrados pelo espírito e vivereis. [...] Porei em vós o meu espírito e vivereis” (Ez 37, 5-6). O profetismo de Ezequiel é crucial neste estudo, já que fala a um povo que perdeu as suas esperanças e que pode ser atualizado no hoje da história: “Mas este povo que se considera morto, sem futuro, ouve um conjuro que o devolve a vida” (SICRE, 2008, p. 309).

A fé cristã faz um apelo a cada pessoa humana contra a morte injusta, para que este serviço seja a verdadeira missão da esperança. Assim, nenhum homem morre com o sentimento de fracasso, de injustiça e de indignidade, mas, ao contrário, morre com a sensação que precisa lhe ser própria: experiência da boa morte por causa da missão que foi cumprida. Nesse sentido: “O pobre tem o direito a viver para poder morrer com dignidade” (BINGEMER; LIBÂNIO, 1985, p. 174).

Diante da vida ameaçada, urge o trabalho da comunidade que luta contra a cultura que banaliza a morte e a torna o evento da morte burguês, omitindo-a e escondendo-a. Não cabe aos meros homens mortais decidir prolongar a vida de modo artificial e, tão pouco, colaborar por um mundo de injustiça, em que o pobre é necessariamente obrigado a morrer antes do momento que foi chamado para isso (BINGEMER; LIBÂNIO, 1985, p. 174).

Aos dois extremos supracitados que estão diante do evento morte, a Igreja se faz presente através da comunidade de fé que, na solidariedade, acompanha os passos da família que sofre a dor do luto. Porém, em tempos de isolamento e distanciamento social, não é recomendado a proximidade corporal e, diante disso, o abraço, a visita e a presença não

contam como critérios de solidariedade, mas a sincera atitude de oração (BINGEMER; LIBÂNIO, 1985, p. 176).

É diante da morte distante – ou mesmo repentina – própria dos tempos pandêmicos, que a comunidade de fé exerce o papel fundamental da solidariedade cristã. Esta se concretiza através das orações, isto é, o sufrágio pelos mortos para que Deus, na sua misericórdia sem fim, acolha os que se foram em seu Reino: “Ao sufragar a ‘alma do morto’ estamos manifestando solidariedade, comunhão com este irmão na mesma fé ou nos mesmos ideais de caridade e justiça, pedindo a Deus graça para o seu processo de decisão em vista da eternidade” (BINGEMER; LIBÂNIO, 1985, p. 176).

## **1.7 Conclusão**

É possível observarmos, portanto, que a força da vida precisa prevalecer diante das experiências de morte vividas de modo intenso nesta pandemia da Covid-19. Isto porque se fala de uma esperança cristã que se fundamenta na pessoa de Jesus, sua vida, paixão, morte e Ressurreição. Ressurreição esta que confere sentido às dores e tristezas dos homens de hoje fazendo que seus sofrimentos encontrem sentido junto à cruz de Cristo, que apresenta um Deus que sofre com cada homem e para eles é sinal vivo da esperança. Assim, não é compatível com a fé cristã um deus morto, mas, ao contrário, um Deus que oferece vida e vida plena aos homens, configurando todas as suas angústias em esperança neste tempo de crise.

Lutar pela vida e trabalhar em função dela, é compromisso de quem adora a este Deus e abraça seu projeto, fixando todos os seus esforços no acompanhamento espiritual e religioso aos irmãos que padecem, para que nesta espiritualidade cristã de vida, não se entreguem à morte precocemente, mas também não a neguem. Não se entregar à morte e, ao mesmo tempo não a negar, é paradoxo que apresenta a lógica de Deus que dá aos homens vida, ainda que não seja vida meramente terrena. Nesse sentido, é concluído que, aos homens, é pedido confiança total ao plano salvífico de Deus que não quer a morte do pecador, mas que tenha sempre vida em abundância, mesmo nos tempos escuros da pandemia de um vírus mortal.

## 2. A ESPERANÇA CRISTÃ

### 2.1 Introdução

O tema da esperança cristã situado no cenário de crise que se estabelece na contemporaneidade, é validamente discutido e precisa ser autenticamente fundamentado. Desse modo, à luz da Sagrada Escritura, interpretada pelo Magistério da Igreja e desenvolvida pelos teólogos, a esperança cristã ganha significado e pode contribuir de modo que dê sentido aos homens de hoje em suas experiências de sofrimento.

Assim, não se trata de uma esperança vazia, meramente materialista, barganhada ou fundamentada em princípios não cristãos da sociedade atual, mas, sobretudo, fundamentada no mistério Pascal de Cristo, porque oferece vida e libertação aos homens. A afirmação da esperança cristã hoje, nesse sentido, se confronta com a crise pandêmica e, neste ambiente, precisa ser configurada de modo que responda às angústias, para que seja causa de alegria, segundo o projeto de Jesus Cristo.

Este segundo capítulo esboça o tema da esperança cristã e parte da experiência narrada no Antigo Testamento como um pré-anúncio da salvação dada em Jesus Cristo, isto é, uma vivência que já sublinhava a vida que rompe com as forças da morte e tudo aquilo que descaracterizava a vida. A partir da perspectiva veterotestamentária, portanto, é que será desenvolvido este tema e, posteriormente, levando em consideração a pregação de São Paulo nas primeiras comunidades cristãs, já que também fazem as suas experiências de sofrimento.

Por fim, faz-se necessário compreender que existem contribuições no Magistério da Igreja e na teologia contemporânea, que buscam responder às inquietações dos homens e dar significado às suas esperanças. É Jesus Cristo, portanto, que plenifica qualquer anseio de resposta e se faz como a própria esperança, sendo luz para as tentativas de significar o sentido cristão de sofrimento, sobretudo o sofrimento vivido na contemporaneidade.

Nesta direção, Bento XVI oferece uma importante contribuição a partir da sua Carta Encíclica *Spe Salvi* que diz respeito exatamente sobre a esperança cristã publicada no ano de 2007, que entende o sofrimento também como um lugar de aprendizagem e de praticar a esperança. Do mesmo modo, na demanda do tempo presente, o teólogo Jürgen Moltmann apresenta uma teologia do sofrimento apontando para o mistério Pascal de Jesus Cristo como núcleo central e, inclusive, de força de sentido para a humanidade que sofre.

## 2.2 A esperança no Antigo Testamento como prenúncio da esperança cristã

O tema da esperança nunca foi uma novidade para o cristianismo, já que no Antigo Testamento, a esperança era também um motor que alimentava no povo de Israel a certeza de Deus: “Israel sempre esperou o Deus que age na história, transcendendo-a numa salvação universal, que é o Reino de Deus” (BRIGHENTI, 1998, p. 59). Trata-se de uma esperança que coloca o povo em movimento, isto é, no caminho para um futuro no qual o Deus da libertação vai agir definitivamente.

Esperar pelo Dia do Senhor no Antigo Testamento, é compreender que vai existir a “ação de Deus na história para restabelecer a sua justiça” (BRIGHENTI, 1998, p. 59). Isto quer dizer que o Reino de Deus começa a ser esboçado, ou seja, através do profetismo que anuncia o próprio projeto de Deus e, bem como, denuncia as falsas esperanças que podem romper com tal projeto, o Reino vai sendo esperado por aqueles que vivem os dramas e sofrimentos da história.

Nas reflexões quanto a esperança presente no Antigo Testamento, existe uma novidade que a torna não uma mera “tensão em direção ao futuro” (ADRIANO, 1998, p. 78), mas, justamente, certeza de Deus que realiza a sua promessa de Aliança. Desde então, a esperança foi ganhando uma configuração de presentificação, isto é, um tom de confiança nas mãos de Deus que já está agindo em favor do seu povo. Pode ser observado, portanto, que a esperança indica sempre ação, impulso para agir (ADRIANO, 1998, p. 78).

O objeto da esperança no Antigo Testamento é sempre o cumprimento das promessas de Iahweh: a terra prometida ao povo, a libertação do cativo, o reino do filho de Davi, a reconstrução da nação, a salvação do resto de Israel. [...] Os profetas alargam o objeto da esperança de Israel ao proclamarem a realização futura da Nova Aliança, um novo Israel, que terá pleno conhecimento de Deus, um coração renovado, um templo e um culto mais perfeitos (ADRIANO, 1998, p. 78).

Trata-se, nesse sentido, de tornar atual a ação de Deus na história que salva o seu povo. Assim, este é o caráter que dá significado à esperança cristã, ou seja, a compreensão do mistério salvífico de Deus que, em Jesus Cristo, todos são redimidos. É fato na história e, portanto, esperança viva dos homens. Tal qual a experiência narrada nos livros veterotestamentários, Deus se realiza como evento salvífico, enviando seu Filho Jesus para que, na Sua pregação da Boa Nova, possa suscitar a esperança no Reino que já foi instaurado, mas que também há de vir (ADRIANO, 1998, p. 78).

Existe um fundamento para que a esperança seja um ato da comunidade de fé, já que ela existe desde o momento no qual Deus quis instituir uma Aliança com o seu povo. Para José Adriano: “A esperança cristã é fundada sobre a Promessa” (ADRIANO, 1998, p. 80). E, desse modo, nosso autor continua: “A Promessa, por sua vez, está intimamente ligada à Aliança [...]” (ADRIANO, 1998, p. 80). Existe para os crentes a promessa de salvação e, assim, Deus deseja uma Aliança, justamente para que a esperança não seja apenas uma espera no futuro, mas ato.

A aliança é eleição e vocação da parte de Deus que inclui a promessa de salvação. Não é um pacto entre parceiros iguais. A fidelidade de Deus não depende da fidelidade do povo. Deus é fiel por si mesmo e *sua promessa é fundamento da esperança não somente para o israelita, mas para toda a humanidade* (Gn 2, 15) (ADRIANO, 1998, p. 80, grifo nosso).

A fé experimentada a partir da instauração da antiga Aliança não é fechada em si mesmo, mas, ao contrário, é anunciada pelos profetas como certeza de novidade. Trata-se do já supracitado “alargamento da promessa” (ADRIANO, 1998, p. 78), no qual os profetas anunciam agora a nova Aliança, para um novo Povo de Deus, que será confirmada em Jesus Cristo. Nesta certeza o povo de Israel faz a sua experiência de Deus e confirma sua esperança, mesmo diante das perdas e de todo sofrimento, como no livro de Jó.

### **2.2.1 O livro de Jó e o povo fracassado em sua esperança**

Diante dos conflitos existenciais e do fracasso, o livro de Jó possui o objetivo principal de fazer uma catequese quanto a esperança em Deus que não abandonou o seu povo. Trata-se de uma crítica à teologia da retribuição, tornando ilegítima a barganha que se faz diante do Deus da vida no sofrimento. Assim, o sofrimento do povo que regressa do exílio, não é sinônimo de abandono de Deus, mas, antes, sinônimo da falta de plena adesão ao seu projeto de amor (STORNILO, 1992, p. 7-87).

A contextualização se dá no século V a.C., marcado pelos dramas pós exílicos do povo de Israel, que é o tempo no qual o livro de Jó nasceu e se constituiu como catequese (COSTA, 2011, p. 131). Diante do cenário de sofrimento causado pelo exílio da Babilônia o povo conserva um anseio de restauração e busca fortalecer a sua esperança, que de início é centralizada no poder político de Ciro que permitiu o regresso à terra. Porém, “[...] logo fica evidente que essa atitude do novo soberano não se conforma por bondade, mas por estratégia de dominação” (COSTA, 2011, p. 131).

A discussão que existe em torno da constituição do livro de Jó não se trata especificamente de que a preocupação do autor é relatar fatos, mas transmitir uma mensagem catequética ao povo que se questiona sobre o motivo do seu sofrimento. Sofrimento este que se dá diante do cenário social e da experiência do povo judeu, em que suas estruturas políticas e religiosas se viram fragilizadas pela dominação e exploração, principalmente econômicas (COSTA, 2011, p. 143-146).

Neste ambiente de exploração econômica, os dramas do povo eram perceptíveis mesmo no que se refere ao Templo, fortalecendo-se uma teologia da retribuição que se fazia como um pseudo sinônimo da benção de Deus: “É diante desse novo tempo que se fortalece, por exemplo, a crença de que a riqueza era um sinal insofismável da benção de Deus” (COSTA, 2011, p. 132). A cobrança de impostos, por exemplo, se fazia como obrigação para a participação no culto, no intuito de enriquecimento dos sacerdotes, invertendo o ensinamento deuteronomista quanto à arrecadação do dízimo (COSTA, 2011, p. 132).

Aos poucos, o que fica evidente aos que regressaram do exílio é justamente a concepção de que os que permaneceram na Babilônia viviam em melhores condições e, por isso mesmo, as lamentações de dores e angústias por parte do povo. Isto lembra justamente o fato do caminho da libertação no deserto, em que o povo se lamentava pela falta de pão, lembrando a comida em fartura na terra da escravidão (Êx 16, 2-3).

Os questionamentos presentes no livro de Jó, refletem a experiência do povo vivida à luz da teologia vigente de retribuição. Assim, o ambiente de crise e incerteza leva o povo a questionar-se quanto a resposta de Deus diante das suas fiéis práticas. Por isso é que o livro de Jó surge: “[...] a fim de alcançar gente fiel, simples, que outrora tinha tanta esperança de uma reconstrução na sua terra e que se depara com tanta perda e sofrimento” (COSTA, 2011, p. 135).

O livro de Jó, ao estar inserido no contexto de dor e sofrimento de um povo, muito tem relação com tantos outros povos que fazem a experiência de Deus a partir mesmo das suas dores e sofrimentos. Em seus discursos, Jó parece ter sido esquecido por Deus e, inocente, justo e fiel, levanta voz em favor da sua restauração:

Assim, o grito de Jó é o grito de todos os pobres e justos sofredores de todos os tempos. É o grito dos camponeses de sua terra, oprimidos pelo Império persa e pelos seus próprios irmãos, os judeus, como podemos ler em Ne 5, 1-5. Seu grito é o grito que hoje tantos desempregados, sem-terra, sem teto, doentes, excluídos também lançam, pois o mistério do sofrimento humano é realmente incompreensível (SCARDELAI; VILAC, 2007, p. 185).

Não restam dúvidas de que o livro de Jó surgiu no intuito de responder à demanda de sofrimento, presente no contexto do exílio. Assim, diante das tantas perguntas feitas pelos exilados com relação à ação de Deus e a importância da religião, o relato de Jó aparece para representar o problema dos exilados e apontar para uma perspectiva nova de viver o sofrimento (STORNILO, 1992, p. 9-10). É justamente a partir do sofrimento que o povo era chamado a fazer uma nova experiência de Deus, através de uma esperança na construção do futuro.

Nessa perspectiva não sobrava nenhuma esperança de restauração e de retorno aos “bons tempos de outrora”, mas a dura realidade do presente, iluminado apenas pela vivência de uma nova experiência de Deus. *Era a partir dessa nova experiência que os exilados deviam pensar em construir o futuro* (STORNILO, 1992, p. 10, grifo nosso).

Em um determinado momento da lenda presente no livro de Jó, é possível encontrar o homem Jó que é rebelde e questionador. Não se trata mais de um homem paciente, mas alguém que luta com todas as forças para preservar o bem que lhe resta: sua integridade de caráter (STORNILO, 1992, p. 17). É diante da já supracitada teologia da época – que se baseava no dogma da retribuição – que é possível compreender o Jó rebelde.

Nesse sentido, Jó passa a amaldiçoar o dia do seu nascimento, porque não se conforma com a triste realidade do abandono de Deus. No desespero ele prefere a morte que viver as perdas, as doenças e as crueldades que foram dadas a ele durante a sua vida: “Eis como reage interiormente o pobre e doente. Depois de sete dias e sete noites de mergulho em si próprio, a conclusão desesperadora é a de que a vida não tem sentido e a única alternativa seria a morte” (STORNILO, 1992, p. 18).

A perspectiva da teologia da retribuição abre possibilidades duvidosas de Jó para com Deus, já que castigando os injustos e recompensando os justos (Jó 4, 7-8), Deus é entendido com atributos que não são leais ao que Ele realmente é. O sofrimento de Jó coloca em xeque a sua vida, pois, para ele, passa a ser difícil aceitar que esteja merecendo tal castigo, se era conhecido como homem justo diante de Deus. A partir desta perspectiva, Jó é o protótipo do homem mau: “Como Deus é justíssimo, o mal é sempre culpa e produto do próprio homem mau” (STORNILO, 1992, p. 19).

A dúvida de Jó que representa o sofrimento de tantos inocentes é justamente a pergunta sobre o porquê do castigo. Se neste dogma da retribuição Deus retribui conforme as obras, o que fez o justo para merecer tão grande sofrimento? O que fizeram tantos inocentes

para responderem tão grande castigo? Daí que o livro de Jó passa a ser um apelo religioso para a mudança de uma mentalidade que condicionava Deus às obras meramente humanas.

Diante da insistência que prezam os três amigos de Jó sobre o destino do homem mau, ao invés de acusar o inocente que sofre, é aberto um caminho de esperança desconhecido e tão novo para a época (STORNILOLO, 1992, p. 26). O chamado dogma da retribuição foi colocado de escanteio e, assim, “[...] Jó ultrapassa a lógica religiosa de seu tempo e convida a dar corajosos saltos em direção à novidade” (STORNILOLO, 1992, p. 26).

O homem pobre, doente e enlutado Jó grita diante de Deus e, com Deus, quer resolver tal impasse, buscando pela verdadeira justiça e lançando para fora de jogo o dogma já supracitado que desconfigurava a imagem de Deus e, ainda, colocava em xeque o que ditava a religião. Porém, não diferente de outros tempos, aquele que sofre é colocado à margem e lhe é tirado – ou feito uma tentativa de tirar – até mesmo o direito de falar com Deus, como no discurso de Elifaz, que o julga dizendo: “Tua culpa te inspira tais palavras e adotas a linguagem dos astutos” (Jó, 15, 5).

O homem religioso, Elifaz, trabalha com grandes tentativas de tirar de Jó a possibilidade de falar com Deus. Aliás, junto com Jó é tirado a possibilidade de tantos que sofrem e se encontram à margem, condicionando Deus para longe de cada um deles. Diante disso, existe uma crítica à religião que controla, explora e oprime o povo, de que Ivo Storniolo faz uso, que diz: “[...] Elifaz quer reduzir o caso de Jó [...] à busca de causas, eliminando tudo que possa haver de novo em sua situação. É o medo que as pessoas religiosas têm de perder o controle sobre a vida do povo” (STORNILOLO, 1992, p. 29).

Tudo o que os homens religiosos fazem é minimizar a crise de Jó e impedir que este tenha acesso ao que, possivelmente, seria a sua esperança: o acesso a Deus. Por causa da maldade do coração ou mesmo da mentalidade limitada daqueles homens, Jó se sente sozinho, atacado e julgado por Deus que o condena e o entrega aos religiosos para executarem a sentença (STORNILOLO, 1992, p. 30). Porém, o grito de Jó a seu favor continua, porque essa é a sua esperança; ele não se conforma com a mentalidade e o com o julgamento religioso do seu tempo:

Ó terra, não cubras o meu sangue, não encontre meu clamor um lugar de descanso! *Tenho, desde já, uma testemunha nos céus, e um defensor nas alturas*; intérprete de meus pensamentos junto a Deus, diante do qual correm as minhas lágrimas; que ele julgue entre o homem e Deus como se julga um pleito entre os homens. Porque passarão os anos que me foram contados e empreenderei a viagem sem retorno (Jó 16, 18-22, grifo nosso).

No interior de Jó existe uma luz de esperança que faz dele um crente que confia para não sofrer ainda mais. Existe uma certeza no seu coração: o seu Defensor está vivo (Jó 19, 25). Esta, por si só, se configura como a centralidade da esperança em toda história bíblica: existe um Deus que não desampara o justo que sofre. Mesmo diante do luto, da pobreza e da doença, Jó se concentra na certeza do Deus da vida que confere também vida, dignidade e liberdade para seus filhos.

Para Jó [...] resta a esperança de que a sua honra ultrajada seja resgatada. O seu grande desejo é ver, ou mesmo, experimentar a Deus. [...] O grande propiciador da visão ou da experiência de Deus será o redentor. [...] Trata-se de um desafio aberto a qualquer um que presencie o drama do inocente que sofre [...] (STORNILO, 1992, p. 34-35).

À luz das reflexões presentes no livro de Jó, tantos homens e mulheres que sofreram em toda a história também buscaram fazer a experiência de Deus. Assim, o autor Ivo Storniolo salienta que: “Séculos depois Jesus ouviu o desafio e respondeu afirmativamente, julgando, testemunhando, defendendo e redimindo todos os que ele encontrou na mesma situação” (STORNILO, 1992, p. 35). É por isso que pode ser falado de um prenúncio da esperança cristã, isto é, anúncio de um Deus que, em Jesus Cristo, age em favor dos sofredores e abandonados.

### **2.2.2 A tormenta de Jó e a resposta de Deus**

A esperança no coração de Jó, nesse sentido, é a sua segurança, já que ele tem a certeza de ser um inocente injustiçado (STORNILO, 1992, p. 45). Ele observa um caminho aberto à sua frente, ou seja, se apoia no próprio Deus e apresenta-se esperando uma resposta (Jó 31, 35), mesmo depois do discurso de Eliú buscando justificar o seu sofrimento e conferindo um sentido a ele.

Após a declaração da esperança de Jó em Deus que pudesse responder a ele sobre o sentido do seu sofrimento, podemos observar que existe uma confissão positiva de Jó para com Deus: “Eu te conhecia só de ouvir, mas agora os meus olhos te veem” (Jó 42, 5). Ivo Storniolo afirma que Jó se recoloca no projeto de Deus já que entende o seu lugar e, através de uma nova experiência de Deus, entende que Ele vence o mal (STORNILO, 1992, p. 70).

Assim, a teologia se configura em novidade para aquela época, porque a partir da experiência religiosa de Jó nascem novas expectativas e novas práticas a partir da esperança. O mistério de Deus que se manifesta a Jó, rompe com a escuridão que plantava dúvidas e

formulava uma concepção de Deus distante da realidade concreta do justo sofredor. Assim, o sofrimento de Jó, sua paciência e humildade é um modo válido de esperar em Deus e em seu mistério: “A tormenta sugere-nos o oculto, o indecifrável, o incompreensível de Deus; em uma palavra: seu mistério” (LÍNDEZ, 2014, p. 158).

### 2.3 A esperança cristã a partir dos escritos de São Paulo

O homem Jó desperta o desejo de falar com Deus, isto é, busca um encontro com o Deus vivo e, com este Deus realiza uma nova experiência, quebrando os paradigmas antigos no que se refere a Deus. Jó abre possibilidades, portanto, de repensar uma teologia que propunha protocolos para se relacionar com Deus. Toda esta reflexão fica mais clara ao olhar para o Novo Testamento, no qual compreende Jesus de Nazaré como Deus encarnado próximo de cada homem que vive os dramas do tempo.

Assim, a esperança no Novo Testamento aparece configurada a partir de Jesus Cristo, enquanto evento culminante que plenifica toda a história da salvação. Portanto, é em Jesus Cristo que se origina toda pregação apostólica e se emana o mistério salvífico de vida e libertação: “Aquilo que Jesus [...] tinha trazido era algo totalmente distinto: o encontro com o Senhor de todos os senhores, o encontro com o Deus vivo e, desse modo, o encontro com uma esperança que era mais forte do que os sofrimentos [...]” (SS, 4).

Levando em consideração a fundamentação paulina presente na Carta Encíclica *Spe Salvi* de Bento XVI, pode ser encontrado dentro do Novo Testamento a identificação da prática da esperança como um modo novo para aquele povo. Os escritos de São Paulo sublinham a certeza que o povo alimentava por uma sociedade nova e a passagem nesta terra, como uma mera peregrinação:

Na fé, todos estes morreram, sem ter obtido a realização da promessa, depois de tê-la visto e saudado de longe, e depois de se reconhecerem *estrangeiros e peregrinos nesta terra*. Pois aqueles que assim falam demonstraram claramente que estão à procura de uma pátria. E se lembrassem a que deixaram, teriam tempo de voltar para lá. Eles aspiram, com efeito, a uma pátria melhor, isto é, a uma pátria celeste [...] (Hb 11, 13-16, grifo do autor).

Muitos dos novos cristãos buscavam a experiência de Deus a partir de uma nova esperança, já que grande parte pertencia às classes baixas da sociedade e desejavam a novidade. Do mesmo modo, a conversão entre as classes mais nobres também era um fato, já que buscavam alimentar também a esperança de Deus no mundo. É possível compreender que

a esperança cristã é novidade, diante de um mito que tinha perdido a credibilidade e uma religião de Estado que se reduziu à religião política (SS, 5).

A esperança deixa de se basear em conspiração ou imaginação que liga ao futuro, mas, se configura em uma Pessoa: “[...] é um Deus pessoal que governa as estrelas, ou seja, o universo; as leis da matéria e da evolução não são a última instância, mas razão, vontade, amor: uma Pessoa” (SS, 5). O evento Jesus Cristo se torna a plenitude da esperança, é o cume de toda experiência que faziam de Deus: em Jesus Cristo a esperança ganha corpo, se encarna, vive, morre e ressuscita.

O mistério Pascal de Cristo passa a ser a palavra de esperança da pregação apostólica, mostrando que existe um caminho para além do sofrimento e da morte. Jesus, o Mestre dos discípulos, passa a ser a própria esperança, porque: “Ele indica ainda o caminho para além da morte; só quem tem a possibilidade de fazer isto é um verdadeiro mestre de vida” (SS, 6). Assim, a comunidade de fé começa ganhar consistência, pois Jesus Cristo: “era a nova ‘esperança’ que surgia na vida dos crentes” (SS, 6).

Diante dos caminhos sombrios que a vida apresentava aos homens, certamente os apóstolos tinham uma palavra de esperança: era uma novidade para os pobres, doentes, marginalizados, excluídos e abandonados da sociedade. Grosso modo, a Palestina do século I é invadida por um novo tipo de alegria; assim, também, os contextos de morte não mais têm vez, porque Jesus: “[...] venceu-a e voltou para nos acompanhar a nós agora e nos dar a certeza de que, juntamente com ele, acha-se uma passagem” (SS, 6).

### **2.3.1 A esperança cristã e o sofrimento diante da teologia paulina**

Os escritos de São Paulo são permeados por alusões ao sofrimento, enquanto tema que perpassa a sua teologia em muitos sentidos. Trata-se de um sofrimento que é acolhido pela comunidade, já que é lugar de crescimento e de vivência cristã. Nesse sentido: “[...] o cristianismo, diferente de outras religiões ou filosofias religiosas, não nega a existência do sofrimento no mundo; pelo contrário, busca enfrentar a realidade deste, além de propor uma explicação sobre o sofrimento” (DO ESPÍRITO SANTO, 2021, p. 306).

Em se tratando de uma teologia paulina, é possível partir da própria experiência que São Paulo fez do sofrimento, quando assume sua identidade de cristão e, ainda, sua missão de Apóstolo. Assim, não apenas prega sobre o sentido cristão do sofrimento, mas, antes, o vive e testemunha. Para ele, o sofrimento era resultado da progressão do evangelho (Fl 1, 12), isto é, do anúncio real de Jesus Cristo e consequência da missão do seu apóstolado.

Para Magno Lessa Do Espírito Santo, o sofrimento de Paulo “[...] é apresentado como fator legitimatório de seu ministério” (DO ESPÍRITO SANTO, 2021, p. 307), já que lhe servia justamente como testemunho de vida e impulso missionário. É possível falar de sofrimento na teologia paulina, portanto, como experiência que é positiva diante da missão dos apóstolos, que anunciavam o evangelho de Jesus Cristo e não de cada um deles próprios.

O conjunto teológico dos seus escritos é crucial para que não exista nenhum caráter duvidoso, que pense Paulo como um homem masoquista. Desse modo, à luz da sua teologia, diante dos sofrimentos do seu tempo, o sofrimento é lugar de praticar a esperança (DO ESPÍRITO SANTO, 2021, p. 308). Isto porque, pela morte e Ressurreição de Jesus Cristo, é garantido à comunidade de fé a vida eterna e, não meramente uma vida terrena que busca pelo conforto e comodismo que são próprios do mundo.

Com isto pode ser afirmado que diante do sofrimento que é histórico delineado pela própria existência, a vida humana pode ser configurada a partir de uma resignificação, isto é, compreendendo a vida eterna como princípio de superação do sofrimento (DO ESPÍRITO SANTO, 2021, p. 309). Desse modo, a teologia paulina contribui para que a comunidade se fortaleça através da esperança:

Os cristãos juntam-se a Paulo não apenas no poder de Deus revelado na cruz de Cristo enquanto Deus os ampara nas dificuldades, mas também no ‘poder de Deus na Ressurreição’, quando Paulo usou o sofrimento deles como caminho para compartilhar a glória de Cristo (Rm 8, 35; 2 Cor 4, 14; 2 Ts 1, 7). É essa a esperança que faz o fiel perseverar na fé (DO ESPÍRITO SANTO, 2021, p. 308-309).

À medida que São Paulo sofre por propagar o Evangelho de Jesus Cristo, tantos outros homens de seu tempo também fazem a experiência de sofrimento de outras maneiras. Paulo, portanto, “[...] se recusa a ensinar que os cristãos são chamados a sofrer de igual modo como ele sofreu por ser apóstolo [...]” (DO ESPÍRITO SANTO, 2021, p. 308). A questão é muito mais do que fazer um grau de importância no sofrimento, mas antes, porém, falar do sofrimento que é experimentado com Cristo.

Assim, tanto na sociedade imperial romana como na sociedade contemporânea, é possível falar de sofrimento segundo as considerações de São Paulo. Para bem da verdade, sofrer com Cristo concorda em ser glorificado com Cristo (Rm 8, 18). Diante disso, a humanidade é convidada a viver o sofrimento no poder de Deus revelado na cruz, já que lá se encontra um Deus que sofre e ampara os homens; poder da Ressurreição enquanto caminho para a glória: “É essa a esperança que faz o fiel perseverar na fé” (HAFEMANN, 2008, apud, DO ESPÍRITO SANTO, 2021, p. 309).

### 2.3.2 Alegria no sofrimento a partir da teologia paulina

Para o nosso autor, Paulo pode ser considerado o apóstolo da alegria (DO ESPÍRITO SANTO, 2021, p. 309), já que este é um tema abundante em seus escritos e de grande valor para a sua teologia. Sua experiência pode ser resumida no regozijo com que acolhia o sofrimento dentro da prisão, sendo uma característica forte das suas cartas, porém, destacada de modo atenuante nos seus escritos aos filipenses.

Diante de tal importância, vale a pena lembrar que o sofrimento não é negado na teologia paulina, mas é configurado a partir da perspectiva escatológica, isto é, “expectativa da vinda de Cristo e a consequente mudança do corpo humilhado para o corpo glorioso” (DO ESPÍRITO SANTO, 2021, p. 310). Desse modo, com acentuada esperança na Ressurreição, São Paulo escreve aos filipenses:

Mas a nossa cidade está nos céus, de onde também esperamos ansiosamente como Salvador o Senhor Jesus Cristo, que transfigurará nosso corpo humilhado, conformando-o ao seu corpo glorioso, pela força que lhe dá poder de submeter a si todas as coisas (Fl 3, 20-21).

A partir de uma relação escatológica presente na teologia paulina, a esperança presente nas experiências de sofrimento é garantida pelo sofrimento de Cristo como caminho para a glória. Assim, é ainda garantida pela ação do Espírito Santo que sopra nos homens alegria e consolo, como antecipação das alegrias futuras:

A certeza de esperança produzida pelas tribulações duplamente se funda em motivo escatológico: os sofrimentos são o lote dos que partilham a sorte de Cristo, que passou pelas tribulações dos tempos messiânicos para chegar à glória, e nós seguimos este caminho (1Ts 1,3; Rm 5,3,5); e experimentalmente: o Espírito Santo deposita em nós, por ocasião das tribulações, a alegria e o consolo, penhor e antecipação das alegrias futuras, cf. 2Cor 1, 3-6 (CERFAUX, 1977, p. 50).

A esperança cristã aos poucos é desenvolvida e anunciada, de modo que seja para os que sofrem um autêntico caminho de alegria e, futuramente, de glorificação. Trata-se de uma esperança que dá sentido ao sofrimento e conforma a vida do sofredor a Jesus Cristo que também experimenta do sofrimento, morre e, depois, ressuscita: “Essa esperança mantém o fiel alegre, pois inclui não só a expectativa da vinda do libertador, o Senhor Jesus Cristo [...], mas também nos assegura a alegria no mundo que há de vir” (MORRICE, 2008, apud, DO ESPÍRITO SANTO, 2021, p. 310).

### 2.3.3 A esperança cristã na teologia paulina como sentido para o sofrimento

Diante da já supracitada esperança a partir do Antigo Testamento, também Paulo a compreende como atitude fundamentada na fidelidade de Deus que deseja uma Aliança com seu povo, Israel, conforme indica o autor Magno Lessa Do Espírito Santo. De início, assim se fundamenta a compreensão da esperança a partir de Paulo, ou seja, na Aliança que Deus faz com o homem, este adere, porque Deus é fiel. No sofrimento das perdas e da tristeza, na prisão e na opressão, Deus garante sua fidelidade (DO ESPÍRITO SANTO, 2021, p. 310).

Segundo Magno Lessa Do Espírito Santo: “A esperança cristã se baseia na mesma condição. Na teologia paulina, o Deus que cumpriu a promessa dita a Abraão e ressuscitou a Cristo concede aos cristãos uma razão maior para crer” (DO ESPÍRITO SANTO, 2021, p. 311). O evento Ressurreição se torna importante neste aspecto, já que confirma a promessa feita pelo Deus da Aliança garantindo vida ao homem caído e sem ânimo.

Jesus Cristo ao inaugurar o Reino de Deus propõe um futuro que já se inicia no agora, isto é, um Reino que começa aqui, mas que ainda há de se estabelecer plenamente. Para isso, o diálogo entre esperança e escatologia nutre na comunidade de fé a certeza do novo céu e da nova terra, enquanto expectativa futura da consumação final (DO ESPÍRITO SANTO, 2021, p. 311). Nesse sentido, pela graça do Espírito Santo dado, é possível o futuro de Deus como certeza já para o agora.

O caráter pneumatológico neste estudo, viabiliza a perspectiva escatológica de uma salvação e da plenitude do Reino de Deus, já que “o Espírito é tanto parte da vida quanto poder do tempo futuro” (DO ESPÍRITO SANTO, 2021, p. 312). Na teologia paulina, portanto, o Espírito é o próprio cumprimento da promessa de que Deus estaria novamente com o seu povo (FEE, 2015, apud, DO ESPÍRITO SANTO, 2021, p. 312). Assim, pela ação do Espírito Santo, a esperança é confirmada e a alegria é completa (Rm 15, 13).

A garantia que a esperança dá aos cristãos é de uma herança de glória que será dada, ainda que diante dos sofrimentos vividos. Isto quer dizer que é necessário viver o presente de sofrimento com esperança na glória futura, ou seja, iniciar aqui e agora, através do exercício da esperança, a confiança nos desígnios de Deus para a humanidade. Desse modo, pode ser observado que em Jesus Cristo – na sua morte e Ressurreição – se dá por iniciado o caminho de glorificação.

A esperança é um incentivo para os fiéis em meio ao sofrimento, de tal forma que manifesta nos cristãos a expectativa do dia em que as promessas de Deus se cumprirão. [...] “A fé cristã vive da ressurreição de Cristo dos mortos e se esforça

em direção à esperança de um futuro dado por Deus” (EVERTS, 2008, apud, DO ESPÍRITO SANTO, 2021, p. 312-313).

A esperança cristã sinaliza um horizonte de vida restaurada a partir da Ressurreição de Jesus Cristo, que faz a comunidade de fé caminhar na certeza da plenitude do Reino de Deus. Deste modo, os homens são chamados a assumir o próprio Jesus como modelo, no qual abraça a cruz e caminha rumo a sua glorificação. Para Scherer: “[...] é possível superar concretamente o sofrimento pela fé na Ressurreição” (SCHERER, apud, DO ESPÍRITO SANTO, 2021, p. 315).

Desassociar sofrimento e esperança é incorrer em erro, já que estão em constante diálogo entre si. O caminho de sofrimento de Jesus Cristo, bem como o caminho de sofrimento de Paulo na prisão, como o sofrimento de todo Povo de Deus, precisa inspirar o caminho de sofrimento dos homens de hoje, que enfrentam a crise pandêmica da Covid-19. Na alegria que o Espírito produz em cada fiel, é possível a certeza da Aliança confirmada em Jesus, que no seu caminho de cruz e Ressurreição, estabelece o seu Reino.

Lucien Cerfaux considera a esperança como sentimento especificamente cristão, já que os pagãos não a possuem. Isto porque, para ele, é confirmada a Ressurreição de Jesus Cristo como reforço que dá sentido para a esperança (CERFAUX, 1977, p 48). Desse modo, a comunidade de fé ciente da participação no sofrimento de Cristo através dos seus próprios sofrimentos, inicia o caminho para se chegar à *parusia*. A bem da compreensão da esperança:

A esperança da salvação concretiza-se na certeza de nossa ressurreição (2Cor 4, 14) e sobretudo da glória que revestirá nossos corpos ressuscitados. O pensamento de São Paulo longa e frequentemente se deteve neste último aspecto (1Ts 4, 13-18; Fl 3, 8-11). [...] Assim, está bem definido o objeto da esperança, a glória que deve ser revelada em nós, entendamos, em nossos corpos ressuscitados na *parusia*, quando a glória de Cristo (do Senhor da glória, 1Cor 2, 8) se manifestar em nossos corpos mortais (CERFAUX, 1977, p. 50, grifo nosso).

## 2.4 A esperança cristã e o Magistério da Igreja

O caminho de realização humana implica sempre em buscar esperanças que possam responder à demanda momentânea da vida de cada pessoa, para que possam suprir alguns desejos que fazem parte da vida, mas que, na verdade, não representa a totalidade desta. Para Bento XVI em sua Carta Encíclica *Spe Salvi*: “Torna-se evidente que o homem necessita de uma esperança que vá mais além. Vê-se que só algo de infinito lhe pode bastar, algo que será sempre mais do que aquilo que ele alguma vez possa alcançar” (SS, 30).

Assim, o Magistério da Igreja, na Carta Encíclica *Spe Salvi*, afirma sobre a grande esperança que se apresenta como o próprio Deus, sendo aquele que confere na vida humana aquilo que ela, por si só, não pode alcançar (SS, 31). Então, “Deus é o fundamento da esperança” (SS, 31), que se revela ao homem e garante a ele o Seu amor, como verdade daquilo que realmente ele busca: “[...] a vida que é verdadeiramente vida” (SS, 31).

A vida plena buscada por cada homem se concretiza diante da vida marcada por fragilidades, dores e sofrimentos: e é justamente neste cenário que se pode falar de uma esperança que extrapola a condição meramente humana. No cenário de crise que marca a contemporaneidade, é possível a realização da grande esperança, já que neste mesmo cenário, o homem aprende e se desenvolve, de modo que encontre algum sentido para a sua vida.

Para a Carta Encíclica *Spe Salvi*, de Bento XVI, existem lugares de aprendizagem da esperança, destacando, por primeiro, a oração. No desespero, rezar significa dizer que alguém ainda está escutando. Isto lembra a história de Jó, supracitada ainda no presente capítulo, ou seja, na solidão de um contexto de julgamento e de grandes perdas, ainda lhe restava uma esperança: sua confiança em um Deus que ainda lhe escutava e que iria lhe dar uma resposta (Jó 38, 1).

Para a Carta Encíclica: “Quando já ninguém mais me escuta, Deus ainda me ouve” (SS, 32). Deus, nesse sentido, é o ponto de esperança dos corações sofridos, isto é, uma força que ainda existe em cada coração, no qual configura as sombras em verdadeira luz. Trata-se do refúgio no qual muitos buscam nos tempos de crise pandêmica, como o foi no extremo das curvas de contágio que obrigaram as autoridades epidemiológicas a exigirem o isolamento social.

O isolamento social foi o fator que propiciou a procura por recursos espirituais e religiosos, justamente porque estes são responsáveis por conferir sentido de esperança na solidão. Assim, diante do rigor das medidas sanitárias, a esperança se faz como motor que garante um caminhar. Mesmo sendo os escritos de Bento XVI anteriores ao cenário pandêmico, pode ser válido mesmo no cenário de isolamento, já que é afirmado para o que sofre a existência de uma companhia: “Se me encontro confinado numa extrema solidão... o orante jamais está totalmente só” (SS, 32).

### 2.4.1 O sofrimento como escola de esperança

A grande esperança de que o presente documento menciona (SS, 35), coloca o homem sempre em caminho, isto é, em posição de ação. Trata-se de um esforço pessoal que faz a vida caminhar e estar em constante continuidade, que é também significado para a expressão: continuar a esperar. Mesmo entregue ao cenário de crise e sofrimento, é possível a caminhada, justamente porque a esperança realiza isso no íntimo humano, ou seja, faz do homem um sujeito de ação.

É importante saber: eu posso sempre continuar a esperar, ainda que, pela minha vida ou pelo momento histórico que estou a viver, aparentemente não tenha mais qualquer motivo para esperar. Só a grande esperança-certeza de que, não obstante todos os fracassos, a minha vida pessoal e a histórica no seu conjunto estão conservadas no poder indestrutível do Amor e, graças a isso e por isso, possuem sentido e importância, *só uma tal esperança pode, naquele caso, dar ainda a coragem de agir e de continuar* (SS, 35, grifo nosso).

Para o presente documento, agir e sofrer são verbos que estão intimamente relacionados, já que pela experiência de sofrimento, o homem continua em permanente ação, isto é, movimento de caminhada. Este agir é levado em consideração por Deus e, do mesmo modo, oportuno para o desenrolar da história (SS, 35). Nesse sentido, a humanidade passa a contribuir para a construção do Reino de Deus, que é o Reino de vida e de liberdade para todos e que destrói, portanto, os modos de morte e de opressão presentes (CAMARGO, 2014, p. 59-60).

É parte da condição humana a capacidade de agir, mas, ao mesmo tempo, intrínseco a ela, o sofrimento. O sofrimento humano expressa a finitude do homem, seus limites e fragilidades, mas também expressa a sua culpa histórica que cresce e se acentua com o passar dos anos (SS, 36). Trata-se de uma culpa que se verifica no sofrimento de tantos inocentes que, vivendo à margem, perdem a liberdade, dignidade e, por fim, a própria vida: “[...] olhando o desenrolar da história tal como nos aparece exteriormente, o poder da culpa vai continuar uma presença terrível ainda no futuro” (SS, 36).

Levando isto em consideração, infelizmente o sofrimento que marca a humanidade não pode ser extinguido segundo as forças meramente humanas, já que existe força finita e culpa histórica. Então, diante da necessária ação que é instrumental humano para a construção do Reino de Deus, por suas próprias forças esta ação não pode plenificar o Reino, sendo necessário, portanto, um Deus que se encarna nesta mesma história e participa de tal sofrimento.

Isto só Deus o poderia fazer: só um Deus que pessoalmente entra na história, fazendo-se homem e sofrendo nela. Nós sabemos que este Deus existe e que por isso este poder ‘tira o pecado do mundo’ (Jo 1, 29) está presente no mundo. Com a fé na existência deste poder, surgiu na história a esperança da cura do mundo (SS, 36).

Com as próprias forças humanas o sofrimento pode até ser limitado, mas não eliminado (SS, 37). Assim, é parte da ação humana aceitar o sofrimento e permitir uma união com Jesus Cristo que, ao se encarnar no mundo, também sofreu com as dores e injustiças. Assim, aceitar o sofrimento é caminho para sua transformação e só o pode ser realizado a partir da força da esperança que se dá na fé em Jesus Cristo que viveu em função do homem que sofre: “Não se desencadeia o mal no homem, mas vence a luz: o sofrimento – sem deixar de o ser – torna-se, apesar de tudo, canto de louvor” (SS, 37).

Para Leomar A. Brustolin e Patrícia E. L. Teixeira, estar unido a Jesus Cristo em toda peregrinação terrestre mesmo enfrentando os sofrimentos do tempo e do espaço, é garantia de graça eterna (BRUSTOLIN; TEIXEIRA, 2016, p. 171). Ao comentar o texto de Bento XVI, é possível compreender a esperança que coloca o homem unido a Jesus Cristo em seu mistério e dá, por fim, possibilidade de vida eterna: “Assim, estar em Deus, é de fato encontrar a fonte da Vida” (BRUSTOLIN; TEIXEIRA, 2016, p. 171).

A Carta Encíclica fala sobre a grandeza humana que se dá na relação com o sofrimento e com quem sofre (SS, 38). Trata-se da necessidade de encontrar sentido ao sofrimento, através de um “[...] caminho de purificação e de amadurecimento, um caminho de esperança” (SS, 38). Sofrer com quem sofre é ação de esperança em nome do amor, no qual o caminho vai se tornando mais consistente e sendo configurado segundo a missão do próprio Jesus Cristo em sua Paixão:

O homem tem para Deus um valor tão grande que ele mesmo se fez homem para poder padecer com o homem, de modo muito real, na carne e no sangue, como nos é demonstrado na narração da Paixão de Jesus. A partir de lá entrou em todo sofrimento humano alguém que partilha o sofrimento e a sua suportaçãõ; a partir de lá se propaga em todo sofrimento a *con-solatio*, a consolação do amor solidário de Deus, surgindo assim a estrela da esperança (SS, 39, grifo do autor).

Grosso modo, o sofrimento é escola de esperança porque, com ele, precisa existir ação. Trata-se da ação que é a resposta humana para a construção do Reino de Deus, mesmo cheia de limites e fragilidades. Nesse sentido, diante da culpabilidade humana presente no sofrimento da história, à luz daquilo que foi e fez Jesus de Nazaré, os homens podem

responder ao sofrimento do mundo, mostrando-se solidário com todos aqueles que sofrem, como caminho mesmo de redenção (CAMARGO, 2014, p. 59).

Para Carlos Camargo, Bento XVI realiza interpelações que convida o ser humano à caridade, isto é, amor que se concretiza na relação com o próximo: “Comover-se por amor é sofrer pelo outro e com o outro, com a intensidade capaz de fazer esse outro sentir-se consolado” (CAMARGO, 2014, p. 59). Assim, a esperança cristã confere ao homem dignidade que se estabelece a partir do amor que Jesus tem pelo homem que sofre e que o homem tem por seu próximo também sofredor (CAMARGO, 2014, p. 59).

Jesus Cristo é o significado da esperança, já que Nele os sofrimentos do mundo foram depositados e, com Ele, existe um modelo para que os homens também amadureçam no caminhar histórico. Ele que assumiu as dores humanas, confere aos homens também um exemplo de partilha das dores do outro: tudo porque a humanidade é convidada a colaborar na construção do Reino de Deus e, através do agir que lhe é próprio, amenizar o sofrimento de si mesmo e, sobretudo, do outro.

## **2.5 A esperança cristã sob a perspectiva da Teologia da Esperança**

A teologia da esperança, levando em consideração, sobretudo, a reflexão teológica de Jürgen Moltmann<sup>12</sup> se fundamenta especificamente na esperança cristã, através de uma perspectiva escatológica do Reino de Deus, que tem sua plenitude e consumação no próprio mistério Pascal. Trata-se de uma compreensão escatológico-soteriológica da missão de Jesus (KUZMA, 2014, p. 48), que entende o Reino como fato, isto é, uma realidade.

Em se tratando de uma esperança no Reino de Deus, vale lembrar categorias, como: promessa, fidelidade e cumprimento. É uma leitura histórica entendida desde o Antigo Testamento até o evento Cristo, como revelação plena do Reino, que coloca a humanidade em caminho através de uma espera ativa: “Reino de Deus significa originariamente reino em promessa, fidelidade e cumprimentos. Vida neste reino significa, portanto, peregrinação histórica, movimento e obediente prontidão frente ao futuro” (MOLTMANN, 1971, p. 252).

O autor trabalhado, Cesar Kuzma, considera o Reino como “espera ativa”, já que o Reino que era promessa se configurou em cumprimento em Jesus Cristo e, portanto, faz da esperança humana um movimento atuante (KUZMA, 2014, p. 47). Para ele, “[...] a partir da

---

<sup>12</sup> O teólogo utilizado para comentar a teologia da esperança de Jürgen Moltmann, Cesar Kuzma, tem sua tese de doutorado a partir da reflexão teológica de Moltmann, com o tema “O futuro de Deus na missão da esperança cristã: um estudo da escatologia na Teologia da Esperança de Jürgen Moltmann em aproximação com a Teologia Latino-Americana da Libertação no contexto atual”.

Ressurreição de Cristo, seu futuro nos é antecipado e já passamos a viver em clima de advento, de espera” (KUZMA, 2014, p. 47). Isto quer dizer que a humanidade não espera passivamente, mas ativamente, já que é realidade – fato – a partir do próprio evento Cristo.

A teologia da esperança de Jürgen Moltmann, propõe a sua reflexão quanto ao Reino de Deus que é uma verdade em Jesus Cristo. Antes, porém, se volta ao ato da criação e, para isso, já faz uso de um referencial escatológico, ou seja, visa o plano escatológico como ponto de partida para entender o que é a realidade criada. A criação é um ato de amor e nela já se visualiza o seu fim: a salvação em Jesus Cristo.

Melhor dizendo, no fim já revelado por Deus em Cristo – crucificado, ressuscitado e gloriosos – encontra-se o destino de toda criação, encontram-se a consumação e o destino do mundo. O que se revela nessa verdade, compreendida escatologicamente, é que o futuro aparece como um movimento de Deus em nosso favor, na manifestação de um Deus que vem até nós de forma livre e gratuita e, ao nos encontrar, revela-nos o seu futuro e amplitude do seu ser; transforma-nos com sua graça e nos convida a sua presença, atraindo todos a si em sinal de amor e plenitude (KUZMA, 2014, p. 34).

A plenitude da criação, portanto, se dá no seu fim escatológico e, para que seja concreto, o Deus amoroso e compassivo realiza com o homem uma Aliança, ou seja, a demonstração da sua fidelidade, mesmo com a infidelidade do seu povo. Nesse sentido, entre a promessa e o cumprimento, está a Aliança que Deus realiza, entendido como primeiro movimento de Deus em favor da humanidade: “Trata-se aí de uma antecipação de Deus, uma disposição a nosso favor” (KUZMA, 2014, p. 36).

A disposição – ou movimento – de Deus em favor do homem se plenifica no cumprimento: “[...] deixa de ser promessa e passa a ser cumprimento de esperança: *Deus está com eles e eles estão com Deus*” (KUZMA, 2014, p. 36, grifo do autor). Daí que esta verdade é evidenciada já no Novo Testamento apresentando Jesus Cristo como plenitude e consumação, isto é, cumprimento da promessa. Conforme Jürgen Moltmann:

Como quer que seja entendida, do ponto de vista da história da salvação e da promessa, a *continuidade*, nesse conceito o Evangelho deve ser entendido como cumprimento da história anterior. [...] o Evangelho mostra o evento de Cristo como o cumprimento da história da eleição de Deus (MOLTMANN, 1971, p. 168-169, grifo do autor).

Neste cumprimento, Deus apresenta o seu futuro à humanidade e antecipa o futuro da própria humanidade: o fim escatológico. Assim, ao sair de si e vir ao encontro do homem: “[...] Deus se identificava com cada ser humano, com tudo o que é sofrimento, despojamento

e humilhação inerente ao humano e em todas as formas que isso pode produzir-se e reproduzir-se na limitada e dolorosa condição dos mortais” (CASTILLO, 2015, p. 200).

Ao descer à condição de criatura, nos torna patente e presente o ser mesmo de Deus (CASTILLO, 2015, p. 179) e, assim, o homem passa a ser reconhecido como filho de Deus semelhante a ele, porque, antes, ele se fez semelhante ao homem a partir da sua encarnação (KUZMA, 2014, p. 37). Desse modo, a escatologia, isto é, o futuro salvífico de Deus, passa a ser fato em Cristo – na sua vida, morte e Ressurreição – e, por assim dizer, passa a ser o sinal da esperança.

Cesar Kuzma faz uma análise escatológico-soteriológica da missão de Jesus e o confirma como o sinal da esperança:

Para Jesus o fim dos dias já irrompeu, “O Reino de Deus está no meio de vós” (Lc 17,21). Dirá a cristologia que Jesus de Nazaré é a última palavra do Pai, a última palavra de Deus para a humanidade, para a criação. Em Cristo tudo se realizou em plenitude (cf. Ef 1,23). Entra aqui a dimensão histórico-salvífica de Jesus, que ascende para uma compreensão *escatológico-soteriológica* de sua missão. [...] Jesus Cristo significa: Jesus é o Filho de Deus, é o nosso salvador, é o Messias, é a nossa esperança... (KUZMA, 2014, p. 48, grifo do autor).

O Reino de Deus sendo realidade já no meio da humanidade, suscitava transformações, curas e manifestação de inclusão, amor e serviço aos excluídos de seu tempo. Assim, tais excluídos eram os preferidos do Reino e, para eles, se designava a prática de salvação, além de sustentação das suas esperanças (KUZMA, 2014, p. 49). O Evangelho anunciado por Jesus, nesse sentido, confirmava o seu projeto de amor-serviço aos homens, tornando atual o Reino de Deus na vida dos que sofriam às margens.

Portanto, pode ser observado que o Reino não era algo próprio do futuro a ser realizado no fim (KUZMA, 2014, p. 48), mas era realidade atual. Isto quer dizer que o Reino escatológico de promessa, o futuro de Deus, é entendido já na realidade e configurado de modo que seja possível a sua adesão por parte da comunidade de fé. Assim, o presente é o *Kairós*, tempo no qual se realiza a esperança e a oferece como sentido aos que sofrem.

### **2.5.1 A missão da esperança aqui e agora**

Jesus de Nazaré, o homem histórico da Palestina do século I, desenvolveu uma *práxis* voltada, preferencialmente, aos que estão no mundo e são vítimas da exclusão social, que os fazem perder a dignidade e a realização de que lhe são próprias. Deste modo, soube revelar

Deus que, no seu amor acolhe, devolve a dignidade e transforma os corações de modo que tenham vida plena.

Para Cesar Kuzma: “A missão da esperança é motivada pelo movimento de Deus em nosso favor, revelando-nos o seu futuro e convidando-nos a seguir em sua direção” (KUZMA, 2014, p. 52). Assim, a esperança passa a ser um ato de fé que coloca o homem a caminho, no seguimento de Jesus e na imitação das suas obras, em favor daqueles que sofrem à margem da sociedade.

O raciocínio teológico aqui proposto faz justamente compreender a esperança como missão para o hoje da vida, isto é, situá-la no contexto histórico presente, de modo que possa conferir sentido à busca de realização humana. Trata-se de uma resposta para o momento atual de transformações e de crises, vividas pela comunidade de fé e da sociedade em geral, que plenifiquem a esperança que falta para a sua inteira realização.

Por essa razão, neste momento da nossa reflexão, devemos fazer uma identificação do sentido da esperança na sociedade contemporânea, a fim de verificar como ele apresenta para esta sociedade o futuro de Deus, trazido pelo anúncio da esperança cristã e que mobiliza a ação dos que creem para uma missão. Dessa maneira, poderemos apresentar consequências teológicas autênticas e coerentes, que direcionem a sociedade e o mundo como um todo ao futuro de Deus prometido. A partir desse ponto, observamos as novas transformações na sociedade, dentre as quais muitas levantam situações de crise. Perante esta realidade, a teologia sente-se desafiada a proporcionar uma resposta (KUZMA, 2014, p. 53).

Haja vista o problema contemporâneo da crise pandêmica, a esperança cristã, enquanto missão de esperança, é um instrumental valioso para o diálogo com a comunidade de fé e com a própria sociedade como um todo. Isto porque esta missão suscita nos homens um sentido de vida autenticamente cristão, uma perspectiva de dignidade aos que sofrem e um cuidado misericordioso aos que perderam completamente as suas esperanças.

O Concílio Vaticano II através da Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*, já buscou afirmar um compromisso da comunidade cristã com o mundo contemporâneo: “As alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e de todos aqueles que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo” (GS, 1). Desse modo, a Igreja busca tornar clara a sua missão de estar unida intimamente ao homem e à sua história.

Fundamentalmente a missão da esperança está inserida no mundo, segundo o próprio mistério Pascal de Jesus Cristo. Ao mistério Pascal que encontra seu ápice na Ressurreição, pode ser observado que:

A esperança cristã quanto ao futuro nasce da visão de um evento determinado, único, isto é, da Ressurreição e da aparição de Jesus Cristo. Entretanto, a reflexão teológica a partir da esperança só pode perceber esse evento enquanto encara o horizonte de futuro que esse evento antecipa. Admitir a Ressurreição de Cristo significa, por isso, reconhecer nesse evento o futuro de Deus para com o mundo e o futuro do homem que ele encontra em Deus e na sua ação (MOLTMANN, 1971, p. 225).

Este mistério Pascal, portanto, ao levar a redenção aos homens, significa levar também, pela leitura do nosso autor, a vontade de Deus – seu futuro –, isto é, a salvação integral do ser humano (KUZMA, 2014, p. 54). Para ele “[...] o olhar do cristão deve estar sempre focado na Ressurreição de Cristo. Aí se encontra o seu destino e a sua esperança” (KUZMA, 2014, p. 54).

A perspectiva da missão da esperança encara o evento da Ressurreição como fundamento para o futuro de Deus, porém, busca levar em consideração todo o evento Jesus Cristo. Assim, a Ressurreição “[...] não surge sozinha, mas é confirmada pela cruz” (KUZMA, 2014, p. 54). Isto quer dizer que a Ressurreição não é um evento isolado, mas unido, antes, ao caminho de cruz que se inicia com o serviço prestado ao Reino.

O projeto de vida inaugurado por Jesus de Nazaré – o Reino de Deus – proporcionou o ápice da vontade salvífica, que foi consumado no mesmo Cristo, na sua cruz e Ressurreição. Porém, a comunidade de fé ainda vive na esperança da concretude deste Reino com a *parusia*. A isto nosso autor chama de “tensão escatológica” que se dá entre aquilo que foi prometido e já realizado, com o presente ainda não realizado (KUZMA, 2014, p. 55).

A esperança no Reino de Deus que ainda não foi concretizado é situada no hoje da história, marcada também por um caminho de cruz e sofrimento e é justamente este o objeto da missão da esperança. A missão da esperança, portanto:

[...] coloca o ser humano numa contradição entre o real e o que não se consegue conceber ainda como real, é ainda promessa; entre aquilo que é visível e a realidade prometida, mas ainda invisível. Ela é identificada com a contradição existente entre a cruz e a ressurreição, que só é exprimível pela fé. É nessa contradição que a esperança deve mostrar a sua força, através da sua missão (KUZMA, 2014, p. 55).

Enquanto missão de esperança de que nosso autor faz uso, entende-se a construção de um Reino no hoje da história, que confere vida, liberdade e justiça que precisa ser estendida a todos. É um futuro já experimentado no presente como notado na pregação do próprio Jesus Cristo, que age na história e oferece a ela consequências de Ressurreição (KUZMA, 2014, p. 55). Uma esperança que age na história, portanto, é experimentada na vida de tantos homens que fazem do seu sofrimento um caminho de Ressurreição.

### 2.5.2 O evento Ressurreição como ponto central da teologia da esperança de Moltmann

Segundo o que atesta a missão da esperança diante da experiência do sofrimento de cruz, a comunidade de fé vive pela esperança da Ressurreição. Trata-se de uma novidade no Novo Testamento, que diz respeito à promessa: Jesus Cristo que ressuscita dentre os mortos. Jürgen Moltmann ao situar esta esperança como verdade já consumada em Cristo, transfere também para a realidade humana como promessa, ou seja, um “ainda não” que encontra fundamento no futuro escatológico de Deus (KUZMA, 2014, p. 118).

Nas palavras de Jürgen Moltmann:

Pela única Igreja, o mundo é levado para o único Cristo, que é uma só coisa com Deus, e, desta forma, para a unidade e para a salvação. A espera escatológica daquilo que “ainda não” aconteceu se torna uma espera noética e teórica da manifestação e transfiguração universal daquilo que “já” se deu no céu (MOLTMANN, 1971, p. 181).

Assim, para a comunidade de fé peregrina que se garante pela promessa, ainda existe uma realidade a ser esperada e, portanto, buscada. Conforme Cesar Kuzma: “Na ressurreição de Cristo essas promessas não se encerram, mas se abrem para um novo futuro, algo que ainda deve ser esperado” (KUZMA, 2014, p. 120). Isto quer dizer que, em Cristo, existe algo de novo, isto é, o cumprimento final e perfeito daquilo que é a Boa Notícia, o Reino de Deus. Não é manifestação ou repetição do que já aconteceu, mas cumprimento do que “ainda não” aconteceu (MOLTMANN, 1971, p. 273).

Diante do exposto, é possível compreender uma esperança que aponta para um novo, ou seja, uma novidade que se dá em Jesus Cristo ressuscitado. Pela Ressurreição já enquanto fato, evento dado, promessa cumprida, é antecipado o caminhar de cruz dos homens até a sua plena Ressurreição. Trata-se, portanto, de um caminhar próprio da história, sensível para todos os homens, por aquilo que o próprio Jesus Cristo já deixou, ou seja, a proposta do Reino (KUZMA, 2014, p. 124).

Diante do evento Ressurreição, Jürgen Moltmann em sua obra Teologia da Esperança destaca a escatologia do horizonte futuro na pregação do Ressuscitado, que é encontrada na experiência e no julgamento dos discípulos (MOLTMANN, 1971, p. 221-227). Assim, busca afirmar que a finalidade das aparições de Jesus Ressuscitado é justificada por aquilo que, antes, já foi prometido, isto é, “[...] o futuro do Cristo crucificado em favor do mundo” (MOLTMANN, 1971, p. 223).

Em se tratando de um ponto fundamental da teologia da esperança, faz-se necessário compreender o caráter escatológico da Ressurreição, propondo uma reflexão que destaque a tendência interna deste evento que favorece a esperança (MOLTMANN, 1971, p. 225). Desse modo, esta tendência implica em reconhecer a missão de Jesus Cristo que é proposta enquanto domínio sobre a morte e, na mesma medida, tendência externa que se dá na própria missão de Jesus de Nazaré quando anuncia o Evangelho a todos os homens, sobretudo aos sofredores (MOLTMANN, 1971, p. 226).

## **2.6 Conclusão**

Diante da definição de esperança autenticamente cristã configurada segundo a tradição bíblica a partir dos escritos veterotestamentários e neotestamentários, já é possível identificar a esperança prometida e, posteriormente, cumprida em Jesus Cristo. Jesus é, por si só, o revelador perfeito de Deus e, nele se cumpre a promessa de um Reino para todos. Assim, no seu mistério Pascal já é dado à humanidade o futuro de Deus, para que, desse modo, os homens possam caminhar também para a sua plena realização.

Diante da interpretação do Magistério da Igreja e das reflexões teológicas que se sucedem, é possível compreender uma esperança ativa que, portanto, coloca o homem em movimento. A partir do movimento de Deus em favor da humanidade, os homens agora esperam ativamente a plenitude do Reino. Assim, tal espera se dá no próprio contexto de luta e sofrimento da humanidade, isto é, o caminho de cruz que coloca o ser humano diante do plano escatológico de Deus: sua salvação integral.

Essa leitura feita à luz da crise pandêmica contemporânea do novo coronavírus, é para os homens a fonte de sentido, isto é, de realização da esperança. Na busca constante por algo que possa preencher, a esperança cristã é a única que pode conferir sentido de vida plena diante dos sofrimentos que atingem a todos. Assim, mais do que nunca a humanidade é convidada no presente histórico, a abraçar o seu caminho de esperança para que o futuro de Deus seja realmente plenificado na Ressurreição.

### **3. O REINO DE DEUS NO PRESENTE: A CRISE PANDÊMICA EM UMA PERSPECTIVA PASTORAL**

#### **3.1 Introdução**

Diante das reflexões teológicas quanto ao tema da esperança cristã no capítulo anterior, é possível compreender uma esperança que tem seu fundamento na promessa realizada no Antigo Testamento e seu conteúdo no próprio mistério Pascal de Jesus Cristo, que é o cumprimento desta promessa. Assim, em Jesus, trata-se de uma esperança que confere vida a todos aqueles que fazem adesão ao seu projeto e torna a comunidade crente uma autêntica testemunha e anunciadora deste mesmo projeto de vida no presente da história humana, configurando-se, assim, como antecipação do Reino de Deus.

A partir das inquietações dos homens deste tempo, faz-se necessário uma reflexão teológica que possa, de algum modo, responder e dar sentido para que a esperança ganhe consistência e solidamente se estruture. Situar o Reino de Deus no presente, significa compreender o mistério Pascal que se atualiza hoje e ecoa na vida dos homens e mulheres que sofrem. Então, partindo do cenário contemporâneo de dor e sofrimento, luto e morte iminente próprio de uma Pandemia, como fazer ecoar de modo consistente a vida que rompe com as forças da morte?

A proposta deste capítulo é justamente realizar uma reflexão que parte de uma perspectiva pastoral no próprio cenário da crise pandêmica. Assim, se utilizando do objeto desta pesquisa – a esperança cristã – será feito um caminho que compreenda o projeto de vida de Jesus de Nazaré, na vida dos homens e mulheres de hoje. Trata-se de uma aproximação social que coloca a Ressurreição de Jesus Cristo como medida para a superação do sofrimento ou, ainda, assimilação deste como caminho para a vida plena.

Nesse sentido, será feita uma abordagem da Ressurreição de Jesus como fundamento da esperança cristã, mas que reverbera nas esperanças históricas, desdobradas no povo que vive os dramas do tempo presente. Assim, à luz do projeto de Jesus para os excluídos e sofredores do seu tempo, sua Ressurreição tem algo a dizer para os homens de hoje e conferir significado para as suas esperanças.

Ao fazer opção pela integralidade da vida humana, Jesus de Nazaré faz o anúncio da sua Boa Notícia em sua sociedade contra todas as formas de opressão, injustiça e atitudes vazias de vida. E para esta pesquisa teológica que leva em consideração o cenário atual de

crise sanitária, a Boa Notícia de Jesus precisa ser atualizada e configurada para responder a sociedade em suas experiências de sofrimentos, carentes de sentido e significado.

Para incorporar a Boa Notícia de Jesus no presente, faz-se necessário chamar atenção para vozes proféticas que anunciam esta verdade libertadora para o mundo. Assim, o Papa Francisco tem sido este referencial da esperança como ruído autenticamente cristão, estabelecendo um elo entre o sofrimento histórico-social que o coronavírus instituiu no mundo e a esperança cristã que acentua a vida plena. Tal qual esta voz profética, toda a Igreja é chamada a ser sinal e luz e, portanto, discípula-missionária do Reino de Deus instaurado. Desse modo, o capítulo será finalizado com apontamentos pastorais, que possam contribuir para que a missão da Igreja se realize e seja autenticamente coerente com o projeto de Jesus.

### **3.2 A Ressurreição de Jesus Cristo em uma aproximação social: a mensagem escatológica do Reino de Deus como opção pela vida integral**

A Ressurreição de Jesus Cristo muito mais do que evento histórico e categoria teológica, é fundamento e base de toda esperança escatológica, confrontando o escândalo e a cultura da morte presente no cenário social e abrindo caminho para a compreensão de que ela não tem a última palavra (BLANK; VILHENA, 2003, p. 83). Frente ao escândalo, cultura e aos dramas humanos que a morte causa, o crente não pode compreender a esperança como mero processo paliativo ou de fuga da realidade, mas para além disso, assumir uma postura ativa de autêntico convencimento daquilo que aconteceu depois da cruz:

[...] *depois* da morte vergonhosa de Jesus, deve ter acontecido algo que provocou uma mudança total na atitude dos seus seguidores. *Depois* da cruz, os discípulos devem ter tido uma experiência que os convenceu de maneira tão absoluta que nem a cruz e sua sombra poderiam impedi-los de falar de Jesus (BLANK; VILHENA, 2003, p. 87, grifos do autor).

Nesse sentido, faz-se necessário compreender a Ressurreição como experiência não apenas isolada em Jesus Cristo, mas que será comum a todos (BLANK; VILHENA, 2003, p. 88). Ele é modelo de homem ressuscitado e olhar para essa Ressurreição de Cristo, significa alimentar-se de uma esperança verdadeiramente consistente para a humanidade, já que “[...] a ressurreição de Jesus torna-se ‘a confirmação de toda nossa expectativa escatológica individual. Toda ela seria ilusão e engano, se não tivesse acontecido essa ressurreição’” (BLANK; VILHENA, 2003, p. 88).

A fé na Ressurreição da carne que toda Igreja professa, não está assegurada em conspirações hipotéticas que são próprias do imaginário humano quando se deseja algo que supostamente é alcançável. Antes, está assegurada pelo próprio mistério Pascal, no qual é dado ao mundo a Ressurreição de Jesus, como fonte de esperança (BLANK; VILHENA, 2003, p. 88-89). Para Renold J. Brank e Angela Vilhena na obra “Esperança além da Esperança”:

Tendo como base esse fato, fica fundamentada a fé em que Deus ressuscitará as pessoas humanas da morte. O nosso destino final não é a morte, mas a continuação desta vida numa nova forma, transformada pelo próprio Deus. Para essa esperança, temos uma prova irrefutável, histórica e inegável: o fato de Deus ter ressuscitado Jesus (BLANK; VILHENA, 2003, p. 88-89).

Desse modo, é importante situar a Ressurreição de Jesus como fonte de esperança futura, mas, diante das reflexões teológicas já levadas em consideração neste trabalho, a Ressurreição passa a ser esperança também para o presente. Isto quer dizer que: “[...] a ressuscitação de Jesus confirma também as grandes expectativas sociais do povo, suas esperanças históricas e suas utopias escatológicas, tantas vezes postas em dúvida pelos acontecimentos históricos” (BLANK; VILHENA, 2003, p. 89).

Faz sentido as esperanças históricas, quando olhadas pelo prisma de um Reino de Deus instaurado pelo projeto de vida de Jesus Cristo, mesmo frente aos acontecimentos e dramas humanos (BLANK; VILHENA, 2003, p. 89-92). Assim precisa ser configurada a esperança dos homens no tempo presente, isto é, ao vislumbrar a realidade, existe algo que pode ser feito concretamente para que a humanidade faça valer a sua espera. Para isso, é necessário contemplar as grandes opções do Reino de Deus no qual Jesus viveu e proclamou (BLANK; VILHENA, 2003, p. 89).

A opção pelos pobres, pelo serviço, pela misericórdia maior que a lei, pela justiça que lança mão da opressão é sempre um anúncio do Reino de Deus, sintetizado na opção de Jesus de Nazaré pela vida integral de toda pessoa humana (BLANK, VILHENA, 2003, p. 89-90). Nesse sentido, em nome da sua concepção de Reino, Jesus Cristo marcou a sociedade de seu tempo que se fundamentava no amor, misericórdia, justiça, verdade e paz. Assim, não se trata de um projeto que isolava os sofredores do seu tempo, mas, antes, os incluía e os congregava na experiência de vida plena. Portanto, “É assim que Jesus descreveu o Reino de Deus, que, conforme ele, já começou” (BLANK; VILHENA, 2003, p. 90).

### 3.2.1 O projeto de Jesus Cristo contra a mentalidade religiosa e política do seu tempo

A aproximação social da Ressurreição de Jesus apresentada neste trabalho levando em consideração os dramas históricos da humanidade, precisa ser fiel ao que Ele fez e anunciou em nome de Deus. Trata-se de um anúncio que colocava em xeque a mentalidade política e religiosa do seu tempo, que contrariava as práticas mais assíduas e fervorosas do Templo: “[...] com tal concepção do Reino de Deus, ele se colocava em oposição frontal à instituição religiosa da sua época, o Templo. [...] O Templo não formulou uma opção pelos pobres, mas sim contra eles em nome de Deus (BLANK; VILHENA, 2003, p. 90).

E contra os pobres, a mentalidade da época se colocava também contra a dignidade e integralidade da vida humana. Isto quer dizer que, ao sustentar uma opção contra os pobres, o Templo prezava pelo poder que oprimia em nome da lei, que agia de modo injusto e que, portanto, não promovia a vida, mas a morte (BLANK, VILHENA, 2003, p. 89-91).

Os autores Renold J. Blank e M. Angela Vilhena fazem uma análise da morte de cruz seguido da Ressurreição, como confirmação e credibilidade da mensagem de Jesus Cristo. Ao entender o projeto de Jesus não como fracasso, mas como vitória a partir da Ressurreição, é possível compreender uma mensagem vinda do Templo que era vazia e sem sentido:

No momento da sua morte na cruz, parece que o próprio Deus havia abandonado Jesus. Esse abandono, porém, só podia significar que Jesus não tinha razão e que o Templo tinha razão. *Esse abandono por parte de Deus só podia desqualificar tudo aquilo que Jesus tinha dito e feito e confirmar a concepção do Templo.* Era assim que todos o compreendiam. E, mais uma vez, se a história de Jesus tivesse terminado com a cruz, teria sido impossível que sua causa continuasse. [...] *Entretanto, sua história não terminou assim. Deus o ressuscitou.* E, com a ressuscitação, o próprio Deus confirmou perante o mundo inteiro, perante o Templo e perante os discípulos que a *concepção de Jesus era certa e que o Templo havia se enganado.* Ressuscitando Jesus, o próprio Deus confirmou que as opções dele eram as suas próprias (BLANK, VILHENA, 2003, p. 90, grifos nosso).

Diante das incompatibilidades que existiam entre a postura religiosa da época e a conduta de Jesus de Nazaré, fica evidente um conflito religioso que terminou com a condenação à morte e execução violenta de Jesus (CASTILLO, 2015, p. 150-151). Tudo isso porque fica explícito dois projetos que não coincidiam e não podiam coincidir, já que os interesses eram outros, ou seja, à medida que um projeto tem seu centro determinante no sagrado – com seu poder, suas normas e proibições – o projeto de Jesus tem seu centro na dignidade do ser humano (CASTILLO, 2015, p. 150-151).

Trata-se não simplesmente de deixar cair por terra a importância do sagrado, mas transferir esta dimensão sacra para o ser humano: “O que afirmamos é que *Jesus deslocou o*

*sagrado*, enquanto tirou do Templo com seus sacerdotes, da religião com suas normas ou ameaças e o *pôs no ser humano* [...]” (CASTILLO, 2015, p. 152, grifos do autor). O projeto de Jesus e o projeto religioso de seu tempo, nesse sentido, ao se confrontarem entre si, não apresenta uma disputa entre o homem do bem contra homens do mau, mas, sobretudo e não fora disso, dois projetos inconciliáveis no modo de entender a vida e a sua sacralidade presente no ser humano (CASTILLO, 2015, p. 153-154).

O Reino de Deus testemunhado e anunciado por Jesus, implica em voltar-se para aquilo que existe de mais sagrado no mundo, isto é, a vida. Nesse sentido, falar de Reino de Deus significa voltar-se para as estruturas sociais e entendê-las a partir de Jesus, que inaugura o Reino e convida os seus seguidores a fazerem o mesmo que Ele fez. Trata-se, assim, de colocar a vida na centralidade de todas as relações e fazer dela o fim maior e não o meio para que sejam estabelecidos na sociedade os interesses que matam, excluem e oprimem os homens.

### **3.2.2 A boa notícia de Jesus: o Reino de Deus presente**

O Reino de Deus é a causa pela qual Jesus dedica a sua vida, isto é, para torná-lo conhecido e experimentado por todos, sem exceção: “É, sem dúvida, o núcleo central da sua pregação, sua convicção mais profunda, a paixão que anima toda a sua atividade. Tudo aquilo que ele diz e faz está a serviço do Reino de Deus” (PAGOLA, 2014, p. 115). Assim, suas palavras de autoridade para os homens do seu tempo, só são possíveis de entendimento, se lidas através da perspectiva do Reino enquanto chave de compreensão.

Nesse sentido, o Reino e o seu anúncio se constituem verdadeiramente como boa notícia para o mundo, já que tem algo a oferecer enquanto significado de vida para os homens (PAGOLA, 2014, p. 114-115). Obviamente, Jesus, ao falar deste Reino não quis propor uma novidade que se baseava em um novo código moral que impunha sobre as pessoas mais fardos pesados e condenatórios, mas, antes, levar Deus à compreensão de todos. Acima de tudo, Jesus quer: “[...] ajudá-los a intuir como é e como age Deus, e como será o mundo e a vida se todos agirem como ele. É isso que ele quer comunicar com sua palavra e com sua vida inteira” (PAGOLA, 2014, p. 115).

Ao comunicar este Reino, Jesus incentiva nas pessoas uma verdadeira esperança que desqualifica todas as outras, ou seja, apresenta o Reino como aspiração e expectativa muito mais profunda e perfeita do que todas as outras (PAGOLA, 2014, p. 116-120). Diante dos sofrimentos consequentes da injustiça, opressão e exclusão social que o povo enfrentava,

Jesus dava sempre uma expectativa de vida, isto é, dava esperança de justiça, liberdade e inclusão, configurando, assim, os dramas humanos do seu tempo, em esperança de vida plena:

Uma esperança que Jesus encontrou no coração do seu povo e que ele soube recriar a partir de sua própria experiência de Deus, dando-lhe um horizonte novo e surpreendente. Não era o único símbolo nem sequer o mais central de Israel, mas fora adquirindo grande força no momento em que Jesus começou a utilizá-lo. Mas a expressão literal 'Reino de Deus' era recente e de uso pouco frequente. Foi Jesus que decidiu usá-la de forma regular e constante. Não encontrou outra expressão melhor para comunicar aquilo que acreditava (PAGOLA, 2014, p. 116).

Ao afirmar o Reino de Deus presente (Lc 11, 20) Jesus causa impacto, já que estava diante de um povo que se encontrava a sua espera como anseio que vinha de longe. Isto quer dizer que desde o início, o povo de Israel aguardava a chegada do Reino, mesmo diante das suas experiências trágicas e difíceis (PAGOLA, 2014, p. 116-120). Assim, ao fazer a declaração de que o Reino tinha chegado, “[...] Deus começa a fazer-se sentir. No mais profundo da vida, já se pode perceber a sua presença salvadora” (PAGOLA, 2014, p. 121).

Trata-se da confirmação da espera do povo, isto é, a consumação de tal espera que não mais é distante, mas atual e viva, encarnada e presente. Em Jesus não existe uma perspectiva futurista do Reino de Deus como realidade não concreta ou utópica para o agora, mas, fala de modo novo e afirmando o cumprimento da antiga promessa de que o Reino já chegou e que já se encontrava no meio do seu povo (PAGOLA, 2014, p. 121-123).

Estando no meio deles, o Reino de Deus não se fazia entender por ações grandes ou intervenções mágicas, mas, antes, se fazia entender por uma pessoa que, humildemente, apresentava a verdade de modo próximo, libertador e encarnada na realidade humana (PAGOLA, 2014, p. 122). Para José Antonio Pagola, não mais o povo da Palestina do século I espera como os seus antepassados, mas conseguem experimentar: “Aqueles pobres camponeses da Galileia estão vivendo um momento privilegiado: estão experimentando a salvação com a qual tanto haviam sonhado seus antepassados” (PAGOLA, 2014, p. 123).

Para este povo que sofre historicamente existe uma notícia que restaura e torna viva a esperança, já que se depara com a novidade da libertação dada e confirmada em Jesus Cristo: “O que preocupa a Deus é libertar as pessoas de tudo quanto as desumaniza e as faz sofrer” (PAGOLA, 2014, p. 124). Assim, a encarnação de Jesus é sempre a Boa Notícia na medida que não se confirma nele o domínio religioso e político que oprimia o povo e, tão pouco, não se encontra nele a perspectiva legalista do Templo e dos doutores da lei que prescreviam fardos pesados para os homens (PAGOLA, 2014, p. 124-127).

Enquanto revelador perfeito do Pai, Jesus falava com autoridade de uma vida que era desejada por todos os empobrecidos e sofredores, já que se tratava de uma vida digna e plena. Diante da situação sombria que vivia o povo de Israel, em Jesus tudo ganha um novo sentido e este era a causa de alegria do seu povo (PAGOLA, 2014, p. 124-125). Assim, diante do projeto salvífico de Jesus as forças do mal que desumanizavam os homens eram derrotadas, construindo sobre aquele cenário de dor e sofrimento, angústia e espera, um novo cenário que se traduzia em reinado de Deus:

Já começou o combate decisivo. Deus vem destruir não as pessoas, mas o mal que está na raiz de tudo, aviltando a vida inteira. Jesus fala convicto: ‘Vi Satanás cair do céu como um raio’. Estas palavras são, talvez, eco de uma experiência que marcou de maneira decisiva a sua vida. Jesus vê que o mal começa a ser derrotado. Está se tornando realidade aquilo que se esperava em alguns ambientes: ‘Então aparecerá o reinado de Deus sobe suas criaturas, soará a hora final do diabo e com ele desaparecerá a tristeza (PAGOLA, 2014, p. 125).

Em Jesus não existe espaço para a divisão ou mesmo discursos que prezam pela ira de Deus, mas sempre uma conduta que visava falar do amor pelo amor. Efetivamente se fundamenta em Jesus a esperança do povo que sofre e, desse modo, a experiência palpável do Reino de Deus que configurava todos os sofrimentos a partir de um sentido verdadeiro. Assim, pode ser concluído que definitivamente existia uma preocupação maior no homem Jesus de Nazaré, que se traduzia na luta sem medida para que cessassem os sofrimentos humanos. Por isso sua bondade se fazia presente e, do mesmo modo, estendida aos mais excluídos, para que fosse conferida vida integral tanto aos bons como aos maus (PAGOLA, 2014, p. 126-127).

### **3.3 A Ressurreição que começa agora: um novo céu e uma nova terra**

Para a perspectiva pastoral do presente capítulo, é imprescindível que se destaque o mistério Pascal de Jesus Cristo como modelo para que o homem assimile os seus sofrimentos, enfrente suas dificuldades e conduza sua vida (BOFF, 2012a, p. 49). Diante da Ressurreição de Jesus Cristo narrada pelos evangelistas, portanto, é possível ao homem caminhar em direção também a sua Ressurreição, conforme indica Leonardo Boff: “O Evangelho nos dá uma resposta (cf. Jo 12,20-33). Ele nos ajuda entender nossa própria vida, nosso caminhar inexorável para a morte e, eventualmente, as incompreensões, as perseguições e morte que poderemos sofrer por causa do reino” (BOFF, 2012a, p. 49).

Faz-se necessário, portanto, confrontar as experiências de sofrimentos enfrentadas hoje, diante da própria experiência feita por Jesus que, saindo de si, encontrou vida na sua Ressurreição (BOFF, 2012a, p. 50-51). Ao fazer isto, a fé na Ressurreição é afirmada, gerando implicações que coloca o homem e a mulher de fé em uma permanente missão de levar as sementes de tal Ressurreição na realidade concreta da vida. Trata-se de uma adesão a Jesus Cristo que faz a comunidade de fé testemunhar, tal qual os Apóstolos fizeram pela força do Espírito Santo (BOFF, 2012a, p. 59-61).

À medida que o teólogo Jürgen Moltmann fala sobre a “missão da esperança” (KUSMA, 2014, 52-55), Leonardo Boff também o confirma e compreende a missão como consequência da experiência com a Ressurreição (BOFF, 2012a, p. 60). Isto leva aos que aderiram a fé em Jesus a desenvolverem um comportamento que o próprio Jesus desenvolveu, através de um projeto de amor e de vida para todos. Nesse sentido, pode ser afirmado que:

*A ressurreição está vinculada à missão. Os apóstolos testemunham, pelo mundo afora, esta inaudita novidade: a morte foi vencida, pois Jesus crucificado agora está ressuscitado, esperança da nossa própria ressurreição. A Igreja, na verdade, surge ao redor dessa fé na ressurreição (BOFF, 2012a, p. 60, grifo nosso).*

No cenário de sofrimento de que a humanidade se encontra no hoje da história, faz sentido falar de missão, sobretudo neste capítulo pastoral, no qual, convoca toda Igreja para que esta seja no mundo a missionária da Ressurreição. O seu próprio germe se encontra ao redor da Ressurreição, isto é, diante da fé na Ressurreição é que a Igreja foi se configurando e se constituindo no mundo. Com isso, faz sentido falar de Igreja quando, antes, ela se abre para despertar no mundo um comportamento vivido pelo próprio Jesus Cristo (BOFF, 2012a, p. 60-61).

Através de um comportamento que provocava vida, a comunidade de fé consegue se desenvolver na missão e ser uma autêntica testemunha. Porém, é necessário afirmar que: “Não é qualquer vida que ressuscita gloriosamente como a de Jesus. Somente aquela vida que se caracteriza pela doação, pelo serviço, pelo perdão, pela total fidelidade a Deus como foi mostrado na existência concreta de Jesus” (BOFF, 2012a, p. 60). Trata-se, portanto, de lançar na concretude da vida humana as sementes da Ressurreição, isto é, propor uma missão que produza no mundo aquilo que o próprio Jesus produziu (BOFF, 2012a, p. 60-61).

Faz sentido falar de Reino de Deus, quando as atitudes daquele que faz adesão a Jesus Cristo, são atitudes como as do próprio Jesus Cristo. Assim como Jesus falava do Reino e realizava a partir da sua conduta, também a comunidade, iluminada pela Palavra e

fortificada pelo Espírito, anuncia e faz acontecer o Reino no seu exato momento histórico (BOFF, 2012a, p. 60-61). Diante das tais reflexões sobre o Reino de Deus como fato também para o hoje, pode ser afirmado que: “O reino é feito de justiça, de amor, de reconciliação e de abertura irrestrita a Deus. Quando tais atitudes se desenvolvem em nós, aí podemos dizer que a vida nova e a ressurreição estão germinando” (BOFF, 2012a, p. 61).

As reflexões quanto a missão que propaga sementes de Ressurreição, vão conferindo forma de unidade entre os membros da comunidade. Assim, isto quer dizer que a comunidade vai se formando a partir da missão comum que foi confiada a ela, e que a desenvolve na sociedade (BOFF, 2012a, p. 62-63). Leonardo Boff fala não apenas de comunidade, mas de “comunidade libertada” (BOFF, 2012a, p. 62) que, a partir da sua adesão ao mistério da Ressurreição, coloca em prática no mundo ideais de fraternidade, ou seja, faz do testemunho da Ressurreição um modo comum de convivência.

O modo comum de convivência sustentava unidade entre todos os seus membros e, portanto, não dava espaço para que o sofrimento chegasse. Tal qual a comunidade de Jerusalém (cf. At 4, 34-35), à luz da unidade desejada por Jesus, não existia entre eles pobres e necessitados (BOFF, 2012a, p. 62-63). Assim, a reflexão teológica de que se propõe no presente capítulo, leva a compreender uma missão que transmite as sementes da Ressurreição ao mundo e, nele, provoca vida, assim como Jesus provocou. Nesse sentido, a comunidade vai se configurando e, enquanto comunidade libertada, transforma as relações sociais de modo que os que mais sofrem sejam amparados e iluminados em seus dramas existenciais (BOFF, 2012a, p. 62-63).

Fazendo uma aproximação com o atual momento da vida humana em seu cenário de crise pandêmica, pode ser falado de “novo céu e nova terra”, à medida que a comunidade se entende mesmo por uma comunidade libertada. Assim, pelo ideal da comunidade de Jerusalém, conforme supracitada, a comunidade de fé contemporânea precisa refletir em si o projeto de amor e de vida de Jesus Cristo (BOFF, 2012a, p. 62-62). Desse modo, livre dos vícios sociais de excluir os mais fragilizados e sofredores, o Reino de Deus se estabelece no mundo: “O novo céu e a nova terra já começaram agora. Importa levá-los à plenitude. São as sementes de ressurreição em fermentação” (BOFF, 2012a, p. 63).

### **3.3.1 Jesus solidário com a humanidade na morte de cruz**

A solidariedade de Jesus Cristo quando assume a morte de cruz se torna verdade não no próprio acontecimento morte, mas, antes disso, já que: “A cruz foi consequência de um

anúncio questionador e de uma prática libertadora” (BOFF, 2012b, p. 219). Trata-se de uma solidariedade que não se dá apenas no madeiro, mas na luta constante para que cessassem os sofrimentos humanos dos homens. Ao pregar e viver o amor e ao incentivar e provocar vida, Jesus de Nazaré assume a cruz para si em sinal de fidelidade a Deus e aos outros (BOFF, 2012b, p. 218-219).

Sendo a cruz um escândalo (BOFF, 2012b, p. 185-188) é também sinal de denúncia e não existe maior solidariedade que essa: assumir o escândalo da cruz para denunciar as injustiças cometidas pela religião e pela política que oprimem, excluem e tiram a vida dos seus súditos. Jesus ensina, portanto, que todo seu caminhar histórico já foi um pré-anúncio da morte de cruz e, desse modo, um caminhar de solidariedade para os homens (BOFF, 2012b, p. 218-219).

Trazer uma reflexão quanto à solidariedade de Jesus Cristo enquanto homem crucificado por causa da sua conduta de vida, tem sentido a partir do momento que se entende que, desta solidariedade é que a salvação se plenificou para o mundo (BOFF, 2012b, p. 219-220). Assim, é pela morte de cruz que a Ressurreição foi possível e, pela morte de cruz, a libertação dos sofredores é possível:

Carregar a cruz como Jesus a carregou significa, portanto, *solidarizar-se com aqueles que são crucificados neste mundo*: os que sofrem violência são empobrecidos, desumanizados, ofendidos em seus direitos. Defendê-los, atacar as práticas em nome das quais são feitos não homens, assumir a causa da sua libertação, sofrer por causa disso: eis o que é carregar a cruz. *A cruz de Jesus e sua morte foi consequência deste engajamento pelos deserdados deste mundo* (BOFF, 2012b, p. 220, grifo nosso).

Para as perspectivas pastorais enquanto objeto do presente capítulo, pode ser levado em consideração a pregação sobre a cruz nestes tempos de crise. Ao olhar para o mistério do Cristo crucificado, enquanto homem da solidariedade, a comunidade de fé tem o modelo perfeito de doação e de amor aos irmãos e, por isso, exemplar de seguimento. Trata-se, nesse sentido, de suscitar a pregação da cruz, para que o seguimento a Jesus Cristo implique homens e mulheres que lutam com coragem para que a Ressurreição seja fato na vida dos que sofrem, isto é, para que a vida e a libertação seja fato e, conseqüentemente, o Reino de Deus se torne uma verdade (BOFF, 2012b, p. 223).

### 3.4 Tarefas da esperança hoje: o projeto de vida de Jesus Cristo como sentido para os homens

Afirmar Jesus hoje significa afirmar um sentido de esperança e fazer que ela seja na sociedade atual uma plenitude de vida, sobretudo, na sociedade que enfrenta as dores e os sofrimentos de um vírus mortal que atinge todo o mundo e observa cada vez mais forte a “crise de esperança” (PAGOLA, 2016, p. 79-80). Diante do sofrimento pandêmico que cada pessoa está sendo obrigada a viver, é possível encontrar tantas situações de desesperanças e, assim, faz-se necessário afirmar que: “Quando numa sociedade morre a esperança, a vida da pessoa se deteriora” (PAGOLA, 2016, p. 83).

É justamente contra a vida deteriorada do ser humano que a reflexão pastoral da Igreja hoje precisa centralizar a sua reflexão teológica, propondo um encontro verdadeiro com Jesus Cristo, o Senhor ressuscitado, fonte de toda esperança (PAGOLA, 2016, 88-92). Trata-se de um trabalho feito por todos aqueles que fizeram uma adesão a Jesus Cristo e que são convidados a anunciar com alegria a razão das suas esperanças. Para isso, José A. Pagola, afirma:

É no interior desta sociedade necessitada de esperança que nós cristãos temos que ‘dar razões de nossa esperança’ (1Pd 3,15) a nós mesmos e aos homens e mulheres com os quais compartilhamos este século. Uma esperança que não é uma utopia, mas talvez melhor construída e mais resistente, tampouco uma reação desesperada frente às crises e incertezas do momento, mas que se enraíza em Jesus Cristo, crucificado pelos homens e ressuscitado por Deus (PAGOLA, 2016, p. 88).

Jesus Cristo ressuscitado por Deus é a razão da esperança humana e é nesta esperança que o homem percebe o seu futuro último, encontra o caminho para a sua plenitude e tem garantia de vida diante de todo o seu sofrimento, fracasso, injustiça ou morte (PAGOLA, 2016, p. 88-90). Não existe outra razão de esperança ou sentido para falar dela em tempos de crise, se não a partir do acontecimento da cruz, porque dela é que se tornou fato a Ressurreição de Cristo e mostra à humanidade também a sua própria Ressurreição (1Cor 6,14). Diante deste fato: “O ser humano pode esperar algo mais daquilo que brota das próprias possibilidades do homem e do mundo” (PAGOLA, 2016, p. 89).

Como sinal de fracasso para o mundo, a cruz de Jesus despertou nos homens de seu tempo a certeza de que seu projeto era falho, porém, na sua Ressurreição, aqueles mesmos homens despertaram-se para uma novidade: Jesus veio trazer a salvação desde o seu projeto de vida até a sua morte de cruz (ESTRADA, 2016, p. 216). Juan Antonio Estrada faz uma

relação entre a salvação advinda da cruz e o projeto de sentido confirmado pela Ressurreição: “A partir do sentido já experimentado e aberto por Jesus, a ressurreição completa a salvação que Ele havia começado” (ESTRADA, 2016, p. 216).

A Ressurreição é, portanto, o ápice da esperança cristã e, desta Ressurreição, os homens vão configurando as suas vidas, entendendo um Deus que se faz presente e dá, pelo transcorrer da história, um horizonte de vida e de libertação: “A partir da ressurreição é possível chamar Jesus de ‘Emmanuel’, Deus conosco” (ESTRADA, 2016, p. 217). Desse modo, é possível afirmar que na contemporaneidade marcada por fragilidades em tantos âmbitos da vida humana, Deus continua a se revelar e oferecer a sua salvação como sentido, oferecendo uma resposta de compromisso com os homens (ESTRADA, 2016, p. 216-222).

### **3.4.1 Em tempos de crise sanitária da Covid-19 o projeto de Jesus suscita saúde integral**

Apesar da cruz, faz-se necessário uma primeira afirmação antes de qualquer pretensão de refletir quanto ao sofrimento humano: “Jesus não ama o sofrimento nem o busca” (PAGOLA, 2016, p. 53). Não é uma alternativa nesta reflexão afirmar um Deus que seja sádico, já que na Pessoa do seu Filho o sofrimento é rechaçado e confirmado uma experiência de vida plena e de dignidade humana, diante de toda realidade de sofrimento (PAGOLA, 2016, p. 53-54).

Toda a vida de Jesus oferece base para se afirmar sobre a Boa Notícia que retira os homens do seu contexto de sofrimento. Sua atuação na Palestina do século I se dava como verdadeira fonte de vida, fonte de saúde e felicidade (PAGOLA, 2016, p. 53). Tendo como modelo o próprio Jesus Cristo, também os homens de fé, iluminados pelo Espírito Santo, são encarregados de levar ao mundo, nas próprias relações sociais, a novidade libertadora deste Deus libertador que abre horizontes de esperança, isto é, de vida nova (PAGOLA, 2016, p. 102-103).

Para ser fiel às perspectivas pastorais necessárias para atuação da Igreja hoje, fazendo uma concordância com o Reino de Deus que se faz presente no agora da história humana, existe uma relação importante entre fé e vida sadia, enquanto valores inegáveis para o homem. Esta importância conferida à saúde humana se dá ao fato de que a fé cristã consiste em ser fonte de vida também para o hoje, isto é, para o caminhar terreno antes da morte (PAGOLA, 2016, p. 114). A própria conduta que caracterizava Jesus Cristo se acentuava bastante no fato de que a saúde humana era uma das suas principais preocupações:

Nem bem se lembrou de que a fé é fonte de vida já agora, antes da morte. E assim esqueceu-se que Jesus passou sua vida semeando saúde. Os evangelhos resumem sua atuação dizendo que Ele ‘percorria cidades e aldeias, ensinando nas sinagogas, pregando o Evangelho do Reino e curando todas as enfermidades e doenças’ (Mt 9, 35). Esta ação de recuperar a saúde não é algo secundário, mas o traço que melhor caracteriza o Messias, o enviado de Deus (PAGOLA, 2016, p. 114).

O esforço pastoral da Igreja não é se sobressair diante da técnica médica ou substituir a medicina, mas, antes, levantar voz a favor da saúde humana, enquanto elemento fundamental para o caminhar histórico de cada homem (PAGOLA, 2016, p. 115-117). Trata-se de um profetismo que leva em consideração a essencialidade da vida e a anuncia como modo digno de se estabelecer no mundo e, ainda, denuncia a banalização desta quando colocada em patamar secundário. A preocupação pastoral precisa ser aquela que: “[...] promove a saúde integral, aberta a essa salvação plena e transcendente à qual o homem está chamado do mais profundo do seu ser” (PAGOLA, 2016, p. 117).

Portanto, levando em consideração a atuação curadora de Jesus, a comunidade de fé precisa se desenvolver de modo primário a partir de uma preocupação fundamental, já que precisa responder de modo coerente e autêntico ao mundo onde está inserida. Ela deve, por assim dizer, oferecer: “[...] promoção de uma nova cultura de saúde, mais atenta a todas as dimensões do ser humano e mais aberta à salvação definitiva do homem” (PAGOLA, 2016, p. 141). Fé e vida sadia estão intimamente relacionadas, já que a fé leva à uma preocupação com a vida integral do ser humano e a vida integral contribui para que a sua salvação seja plena (PAGOLA, 2016, 141-144).

Ao falar de saúde integral de que o projeto de Jesus suscita, vale destacar que não se trata apenas de uma melhoria física, isto é, uma preocupação meramente técnica que o homem deve buscar para a manutenção da sua vida. Sua preocupação está para além disso, buscando reconstruir a pessoa como um todo, levando a cura de modo mais profundo e total (PAGOLA, 2016, p. 145). A cura que Jesus buscava realizar, nesse sentido, se dava a partir de um tom espiritual também, haja vista a atividade de Jesus chamando a todos para uma conversão do coração (PAGOLA, 2016, p. 145).

Para José A. Pagola, existe a preocupação de uma cura física, mas não se limita a isso, já que: “O que Jesus coloca em marcha na pessoa é um processo curativo que afeta o homem até o mais profundo do seu ser” (PAGOLA, 2016, p. 145). A isto consiste a vida plena e a saúde integral de que a reflexão presente se propõe: juntamente com a cura física – haja vista sua importância – existe a cura própria do interior humano. Por isso que a

comunidade de fé é convocada a assumir uma postura de permanente missão, anunciando o evangelho da esperança que alimenta e fortalece nos homens a certeza da vida.

É um processo dado nas narrativas evangélicas de cura dos enfermos como, por exemplo, na narrativa do cego de nascença (cf. Jo 9, 1). De modo particular nesta narrativa, Johan Konings leva o leitor compreender a progressiva iluminação que faz o homem cego enxergar para além da materialidade a sua volta (KONINGS, 2005, p. 196-203). Ao propor um gesto simbólico do toque com a saliva, Jesus confere um sentido mistagógico à sua ação, fazendo com que o homem se abra ao mistério salvífico que existe à sua frente na pessoa do próprio Jesus de Nazaré (KONINGS, 2005, p. 196).

Assim, devido a relação entre a cegueira e a luz, própria deste texto bíblico, o homem passa a visualizar Jesus: “O cego torna-se sempre mais clarividente, *enxerga* sempre melhor quem é o ‘homem chamado Jesus’ (v. 11): um profeta (v. 7), um enviado de Deus (v. 33), o Filho do Homem (v. 37)” (KONINGS, 2005, p. 196, grifo do autor). Segundo a interpretação do autor belga Johan Konings, Jesus já antecipa uma experiência própria da iniciação cristã, pelo qual retira aquele homem das trevas da escuridão e o traz à luz (KONINGS, 2005, p. 198).

É possível encontrar um caminho importante para a reflexão quanto à cegueira daquele homem narrado no Evangelho de São João, a partir do questionamento dos discípulos quando querem estabelecer a causa da doença com o pecado que poderia ter sido cometido pelo enfermo (Jo 9, 2). Aqui é que o leitor pode compreender o para quê da enfermidade que, neste caso, serviu para que o homem pudesse, posteriormente, abrir os olhos da fé e perceber Jesus a sua frente como o Senhor da vida e da libertação (KONINGS, 2005, p. 197-198).

Foi a partir da cura da cegueira que o homem pode professar a sua fé em Jesus Cristo: “Creio, Senhor” (Jo 9, 38). Assim, faz sentido uma comunidade hoje que rompa com aquilo que exclui e coloca os sofredores à margem, para que estes, tal qual o cego de nascença, possam ter a possibilidade de uma saúde restaurada e de modo integral, isto é, a fim de que visualizem cada vez mais o Senhor Ressuscitado que cura, liberta e oferece salvação. Portanto, pode ser concluído que a partir da saúde integral operada por Jesus ao ser humano, este é transformado em toda sua vida: “Assim, pois, o curado descobre a Cristo com nova luz, se converte em seu seguidor, e se adentra no mesmo caminho que leva o próprio Jesus à morte e à ressurreição” (PAGOLA, 2016, p. 148).

### 3.5 O Papa Francisco: referencial da esperança para a sociedade hoje

Ao propor uma reflexão pastoral da postura eclesial frente a realidade pandêmica, faz-se necessário despontar algumas posturas que contribuem para o anúncio da esperança, tornando-a acessível e autenticamente praticada no contexto da crise pandêmica (NOGUEIRA, 2021, p. 210-211). Faz sentido falar de Reino de Deus ao observar referenciais que o desperte na realidade, isto é, que o faz presente no caminhar histórico da humanidade. Para isso, o Papa Francisco é uma figura que torna efetiva a esperança cristã no qual, a partir dos seus discursos, faz dela uma prática proeminente e de grande valor.

No que diz respeito ao sofrimento pandêmico, o mundo é alimentado por palavras que destacam o mistério Pascal de Cristo, como verdade da vida que vence a morte: “No meio da crise, celebramos a Páscoa, ouvindo a mensagem pascal da vitória da vida sobre a morte. Essa mensagem nos diz que, como cristãos, não devemos nos deixar paralisar pela Pandemia. A Páscoa nos dá esperança, confiança e encorajamento [...]” (FRANCISCO, 2020, p. 10, tradução nossa)<sup>13</sup>. O Papa Francisco, negando qualquer pretensão meramente política, busca fazer do seu pontificado um despontar da esperança na vida de cada homem e mulher da sociedade.

A esperança cristã é consolo para o crente, mas também é um apelo para que este mesmo crente desperte, através das suas ações, um horizonte de vida, tendo como fundamento o próprio mistério Pascal de Jesus Cristo (NOBRE; CONCEIÇÃO, 2021, p. 45-46). Existe um convite que é inerente à esperança cristã, feita, por primeiro, a cada um daqueles que se dedicam a refletir teologicamente sobre o seu conteúdo. Desse modo, existe um apelo à teologia a fim de encontrar nela um profetismo que está para além de especulação acadêmica, mas que se configura mesmo como anúncio (NOBRE; CONCEIÇÃO, 2021, p. 46-47).

Portanto, José A. Nobre e Elizeu da Conceição, buscam falar dos discursos do Papa Francisco como verdadeiro profetismo para o mundo de hoje:

Entre tantas manifestações globais, referentes ao andamento da situação do planeta terra e sobre a difusão do coronavírus, vemos que já nos primeiros momentos da pandemia, Papa Francisco se mostrou preocupado com a situação pandêmica, principalmente, atento às pessoas que mais sofriam com todos os problemas decorrentes do vírus (NOBRE; CONCEIÇÃO, 2021, p. 50-51).

---

<sup>13</sup> “En medio de la crisis hemos celebrado la Pascua, escuchando el mensaje pascual de la victoria de la vida sobre la muerte. Ese mensaje nos dice que, como cristianos, no debemos dejarnos paralizar por la pandemia. La Pascua nos proporciona esperanza, confianza y ánimo [...]” (FRANCISCO, 2020, p. 10).

Diante disso, é possível compreender uma Igreja que, a partir do seu Pontífice, está desafiando a si mesma para que seja no mundo um sinal de esperança (NOGUEIRA, 2021, p. 203-211). Sinal de esperança compreendido a partir do Papa Francisco significa denunciar não só os problemas causados pelo vírus da Covid-19, mas, denunciar a tantos outros que colaboram com o mal maior no mundo, como: vírus econômicos, políticos e sociais (NOGUEIRA, 2021, 203).

Antônio R. V. Nogueira, citando Papa Francisco, lembra palavras que situam Deus que caminha com o ser humano e o preenche de sentido para que este leve ao mundo a boa nova da esperança cristã: “[...] a esperança cristã nos motiva a sair melhores da crise, desde que (e esse ‘desde que’ é fundamental!) assumamos o compromisso com alguns princípios sociais fundamentais [...]” (NOGUEIRA, 2021, p. 207). Existem compromissos que o crente precisa assumir a partir da esperança, para que seja no mundo colaborador do Reino de Deus. Desse modo, assim como Papa Francisco, a comunidade eclesial seja portadora e testemunha de tal esperança na sociedade, sendo sinal de cura e de vida para o mundo que se encontra doente (NOGUEIRA, 2021, p. 208-211).

Portanto, é importante situar o profetismo do Papa Francisco no presente contexto histórico da humanidade, já que dá eco para que a ação eclesial seja concreta e promissora no sentido de ser sinal do Evangelho. Através de ações pastorais a Igreja pode corresponder aos anseios humanos, atribuindo respostas e sendo presença de Mãe e Mestra que congrega seus filhos e os educa para que estejam em sintonia com o projeto de Jesus Cristo.

### **3.6 A Pastoral da Esperança e a resposta contemporânea da Igreja para a sociedade**

A proposta pastoral para os tempos de crise pandêmica é justamente o trabalho realizado pela Pastoral da Esperança<sup>14</sup>, enquanto instrumental da Igreja para atuar pastoralmente na linha de frente junto aos mais atingidos. Mesmo que o sofrimento na pandemia não tenha se limitado apenas ao luto enquanto perda de um ente querido, as considerações do presente trabalho fixarão as reflexões na realidade da morte iminente, levando em consideração o vírus que causa a doença mortal.

---

<sup>14</sup> “A Pastoral da Esperança tem como objetivo levar a esperança àqueles que por motivo da perda de um ente querido também perderam, ou estão em vias de perder, a esperança. Assim, a missão da Pastoral da Esperança é *animar* pessoas e famílias para que não percam o brilho de viver por causa da perda de um ente querido [...] guiados pelo Espírito Santo, anunciar a Boa Notícia àqueles que receberam a pior notícia de suas vidas, a morte de um ente querido. Ali, no meio daquela situação de dor, de debilidade e aridez, anunciar a esperança” (PEREIRA, 2015, p. 11-12, grifo do autor).

Desse modo, a atuação pastoral da Igreja – referindo-se à Pastoral da Esperança – precisa ser fundamentada na reflexão teológica, mas, sobretudo, caminhar para que a sua ação seja concreta. Assim, ela estará, conseqüentemente, próxima das mais diversas realidades humanas que foram fragilizadas por tal sofrimento, a fim de motivar a esperança nos que a perderam ou sustentar aquelas que estão instáveis (PEREIRA, 2015, p. 11). A presença da Igreja tem seu valor inquestionável e, por isso, professando a sua fé no Cristo ressuscitado, precisa utilizar-se deste instrumental pastoral para tornar concreta a sua missão (PEREIRA, 2015, p. 12).

À luz do mistério Pascal de Cristo, a esperança cristã é desenvolvida de modo que possa estar mais diretamente presente na práxis pastoral da Igreja (PEREIRA, 2015, p. 12). Assim, a comunidade de fé tendo Jesus Cristo como modelo, passa também a contribuir para que o Reino de Deus se faça presente enquanto Boa Notícia de salvação “[...] àqueles que receberam a pior notícia de suas vidas, a morte de um ente querido” (PEREIRA, 2015, p. 12). Desse modo, a missão da pastoral segue estabelecendo relações fraternas de liberdade, amor e paz, provocando vida onde a realidade pandêmica suscitou a cultura de morte e sofrimento.

Por muito tempo há de continuar nos desafios pastorais da Igreja, a pergunta sobre o como falar de vida e esperança nas situações de sofrimento, morte iminente e luto (PEREIRA, 2015, p. 11-13). Tal qual a experiência de Jesus diante da morte do homem Lázaro (Jo 11, 1), a Pastoral da Esperança deve suscitar naquele que vive os dramas do luto, um despertar para a vida: “Assim, cabe a Pastoral da Esperança mostrar que a vida não nos pertence, mas pertence a Deus, e, se confiamos nisso, não vamos nos sentir perdidos e abandonados, mas renascidos para uma esperança nova” (PEREIRA, 2015, p. 13).

Falar da Pastoral da Esperança em termos práticos significa falar de Igreja missionária, isto é, fazer da Igreja não mera instituição religiosa, mas Mãe que se faz presente em todos os momentos da vida e, sobretudo, naqueles de sofrimentos. Para o teólogo pastoralista Dr. Pe. José Carlos Pereira, no que se refere a presença da Igreja: “Nada mais confortante do que ter a presença de alguém que é portador de Deus nesses momentos de dor. É isso que faz a Pastoral da Esperança” (PEREIRA, 2015, p. 13).

O tema da Pastoral da Esperança é tão atual como nunca, já que responde aos anseios eclesiais de ser no mundo “[...] sinal e instrumento da íntima união com Deus e da unidade de todo gênero humano” (LG, 1). Assim, suscitar este trabalho na vida cotidiana de toda Igreja em seus âmbitos particulares e locais, a coloca em verdadeiro estado permanente de missão, isto é, Igreja que vai ao encontro do outro, principalmente em momentos de dor e de sofrimento (DGAE, 2015-2019).

Não se preza aqui unicamente pelas celebrações costumeiras de missa de sétimo dia ou mesmo pelas celebrações exequiais, mas, para além disso, se preza por um acompanhamento. Isto quer dizer que o modo de entender a pastoralidade da Igreja precisa ser reconfigurada, ou seja, pensar uma estrutura que coloca a Igreja como mensageira e portadora dos sinais da esperança em todo processo que o fiel articula e assimila o seu luto e sua dor (PEREIRA, 2015, p. 83-87).

Ao se colocar ao lado dos que sofrem, pode ser falado de uma dor ressignificada, já que a Igreja não leva a si mesmo como em um ato de egoísmo, mas, antes, leva ao próprio Jesus Cristo ressuscitado. Desse modo, a Igreja, atuando como crente no ressuscitado, confere ao fiel sofredor firme esperança em um Deus que rompeu com as forças da morte (PEREIRA, 2015, 83-87). Trata-se – de um modo muito significativo para o cumprimento da sua missão no mundo – de se fazer como “agente do encontro”, isto é, de se colocar diante daqueles no qual a esperança se enfraqueceu ou mesmo já se acabou (PEREIRA, 2015, p. 83).

A exemplo do próprio Jesus de Nazaré que atuou de modo consistente e significativo fora do Templo, a Igreja é chamada a também sair de si e ir ao encontro das pessoas se colocando a serviço da vida plena: “Por isso, o impulso missionário é fruto necessário à vida que a Trindade comunica aos discípulos” (DAp 347). Estando inserida nas realidades sociais de fragilidades e sofrimentos humanos, a Igreja é chamada a abrir os olhos da sua ação pastoral-missionária, para que o Reino que implica Vida seja fato na vida dos homens e mulheres de hoje:

O Reino de vida que Cristo veio trazer é incompatível com essas situações desumanas. Se pretendemos fechar os olhos diante dessas realidades, não somos defensores da vida do Reino e nos situamos no caminho da morte: ‘Nós sabemos que passamos da morte para a vida porque amamos os irmãos. Aquele que não ama, permanece na morte’ (DAp, 358).

Portanto, pode ser observado que a Pastoral da Esperança é capaz de responder este desafio tão atual, isto é, fazer ser concreto o Reino da vida, através dos fiéis que se colocam como agentes da pastoral. Trata-se de reavivar a esperança colocando a fé na Ressurreição através de uma presença cristã, amiga e solidária: “Cada agente dessa pastoral é uma espécie de outro Cristo que vai ao encontro das viúvas de Naim de nossos tempos e as ajudam a ressuscitar seus filhos” (PEREIRA, 2015, p. 84).

### 3.6.1 A Ressurreição de Jesus Cristo como inspiração do enfermo e de sua esperança

Ao propor um capítulo que leve em consideração a atuação pastoral da Igreja a partir do trabalho da Pastoral da Esperança, é possível ater-se à missão eclesial que precisa, especificamente, responder aos dramas humanos do presente. Assim, isto pode ser concretizado à luz da atuação de Jesus de Nazaré em seu tempo, no qual buscou atuar de modo que os sofredores tivessem sentido de vida: “Eis o sentido especificamente cristão da dor, da doença, da morte: permitir uma maior participação no processo da libertação definitiva na qual acreditamos pela fé em Cristo Jesus” (CNBB, 1982, p. 16).

Ao estabelecer a perspectiva de libertação e restauração de vidas Jesus de Nazaré foi morto e, depois disso, apresentou a verdade que plenifica a vida e vence a morte: Sua Ressurreição. Assim, a pastoral na contemporaneidade precisa se fazer presente nas mais diversas realidades, atendendo à demanda contemporânea em função do anúncio do Evangelho que apresenta Jesus e Sua Ressurreição como Boa Notícia de vida plena: “[...] fazer reviver a fé na ressurreição e na vida, através da presença amiga e solidária [...] as quais colocam os familiares e amigos em sintonia com Deus” (PEREIRA, 2015, p. 84).

Nesse sentido, apresentar a verdade da Ressurreição para a humanidade fragilizada é condição para que a dor e o sofrimento sejam ressignificados, já que compreende uma vida que está para além da morte corporal (CNBB, 1982, p. 30). A Ressurreição de Jesus dá ao homem e mulher que sofrem ânimo de vida, isto é, esperança concretamente autêntica de vida plena que transcende a técnica e a materialidade próprias do homem. Com relação à Ressurreição, portanto: “A perspectiva é também a mesma: a instauração do Reino de Deus, do Reino escatológico (isto é, final e definitivo) onde ‘não haverá mais luto, nem gemido, nem dor’ (Ap 21, 4)” (CNBB, 1982, p. 17).

Desse modo, pode ser observado que a Pastoral da Esperança – à luz da fé na Ressurreição – conforme supracitada como resposta para os desafios da contemporaneidade na crise pandêmica, ilumina a atuação da Igreja e é assimilada como caminho para que a Boa Notícia seja anunciada. Assim, tal qual a Boa Notícia trazida por Jesus Cristo, a Pastoral da Esperança, atenta aos sinais dos tempos, precisa ser fiel ao seu intuito de ajudar e amparar as pessoas para que recuperem as suas forças para a vida e sejam no mundo autênticas testemunhas da Ressurreição que rompe com as forças da morte (PEREIRA, 2015, p. 12).

### 3.7 Conclusão

Diante do tema do Reino de Deus que é um fato para o presente inaugurado por Jesus Cristo no evento da sua encarnação, é possível compreender que este é sempre sinônimo de vida digna para todos, já que nisto consistiu toda a missão de Jesus. Assim, toda comunidade de fé que faz adesão ao projeto de Jesus Cristo, tem como missão primeira ser fiel colaboradora para que o Reino se estenda à humanidade toda, de modo que seja restaurada e configurada tal qual a missão dos primeiros discípulos, que se colocaram também a serviço dos que sofrem.

Na crise pandêmica que marca a contemporaneidade, nesse sentido, faz-se necessário fortalecer um discurso de um Reino que é sempre atual na vida dos homens. Diante de um cenário de sofrimento, enfermidade e morte iminente experimentado pela humanidade, existe uma esperança que vivifica e realiza uma progressiva iluminação que dê sentido ao caminhar humano. Não mais a humanidade se encontra vivendo seus dramas como o povo de Israel viveu, já que agora existe a certeza de um Deus que se encarnou e experimentando do sofrimento humano, morreu e ressuscitou, de modo que a vida plena se tornasse fato para todos.

É nisto que consiste a esperança cristã, ou seja, trilhar o caminho do sofrimento histórico, sob a perspectiva da Ressurreição: Jesus ressuscitado dos mortos vive e é modelo de vida para os homens. Assim, diante do Reino de Deus que se realiza no presente, também a humanidade é convidada a abrir-se para a vida que pode romper com as forças da morte que se encontram no cenário de crise. A esperança na Ressurreição implica também em estabelecer no hoje da história humana, forças que possam conferir vida digna, justiça e paz, configurando o sofrimento do agora em certeza de alegria.

## CONCLUSÃO

A partir do raciocínio que se estabeleceu durante todo este trabalho destacando a esperança cristã como sentido de vida para o contexto de morte iminente próprio da pandemia da Covid-19, pode ser concluído que existe um caminho de assimilação do sofrimento vivido. Esta assimilação se dá no encontro com o mistério Pascal de Cristo que, atingindo seu ápice na Ressurreição, leva os homens à verdadeira compreensão da vida enquanto fato, isto é, vida plena já adquirida no evento salvífico de Jesus Cristo que rompe com as forças da morte.

A partir da estruturação metodológica deste trabalho, é possível a afirmação de que existe uma resposta fornecida para a superação do sofrimento. Esta resposta que se configura como a própria esperança cristã oferece luz para o homem, à medida que situa o mistério Pascal no sofrimento vivido concretamente no cenário de crise pandêmica. Portanto, pode ser observado que foi apresentada uma reflexão teológica que dá destaque à Ressurreição de Jesus Cristo, que se constitui como sentido para a humanidade nas suas experiências de dor e sofrimento.

Trata-se de uma esperança nova que se dá em Jesus Cristo, mas que já era esperada desde o povo de Israel quando viviam a opressão e eram assegurados pela promessa da libertação. Desse modo, diante do sofrimento temporal do povo de Israel, a promessa se estabelecia através da Aliança e, em Jesus Cristo se dava o seu cumprimento. Portanto, o mistério salvífico de Jesus passa a ser o pilar da esperança cristã que compreende a vida integral do homem.

A cruz de Jesus – parte integrante do mistério salvífico – tem um caráter pedagógico no que se refere à esperança cristã, já que o caminhar de sofrimento de Jesus de Nazaré, mostra ao homem também sofrimento que o sentido da vida se encontra na Ressurreição. Nesse sentido, o sofrimento se estabelece como lugar de aprendizagem da esperança e, em se tratando de um período de crise global, a humanidade pode ser assegurada por uma vida que está para além dos sofrimentos do agora.

Ao se colocar no caminho de cruz o homem se apresenta como portador de um múnus especial, isto é, o de colaborar para que o Reino de Deus também seja presente e se estabeleça na realidade concreta. Esta é a missão da esperança cristã que situa o homem na espera ativa de um Reino escatológico, ou seja, fazendo com que este seja atual aqui e agora, despertando no mundo a essencialidade da vida integral já testemunhada por Jesus de Nazaré.

Diante disso, pode ser trabalhado com a espera definitiva do Reino de Deus que há de vir, mas juntamente com a certeza de que este já foi inaugurado por Jesus e que agora o

homem é chamado a ser fiel colaborador e testemunha. Assim, iluminada pela Ressurreição de Jesus Cristo que é o ápice do mistério Pascal, a vocação do homem e de todo o crente é a de serem sinais e portadores da vida que vence a morte.

Através de uma perspectiva pastoral, a atuação eclesial no mundo contemporâneo precisa centralizar a sua missão no anúncio do Evangelho que essencialmente é força de vida. Em se tratando da pandemia do novo coronavírus, hoje a Igreja é convocada para que sua pastoral defenda a vida e sustente nos sofredores a verdade da Ressurreição, formando consciência quanto um sofrimento que tenha sentido e significado a partir deste acontecimento.

A Ressurreição de Jesus Cristo implica nos homens de hoje impulso a favor da vida plena, isto é, esperança que condiciona a humanidade em sentido de atividade contra aquilo que gera morte. Consequentemente a isto, o profetismo eclesial caracterizado como anúncio da vida, deve favorecer no contexto atual de morte iminente, esperança na vida eterna como consolo e motivação para viver a crise e superá-la em razão deste futuro escatológico de Deus.

Sendo uma realidade que sempre acompanhou o homem, o sofrimento é intrínseco a este mundo e, portanto, cabe ao homem saber onde colocará a sua esperança. Diante de uma demanda cada vez mais acentuada de dor e sofrimento, a teologia cristã contribui acenando para uma esperança maior que representa para o homem a realização e superação de todos os seus anseios. Faz sentido a esperança cristã hoje, quando fornece essa resposta que coloca o homem diante do verdadeiro sentido de vida e significado do seu sofrimento.

Por fim, a partir deste trabalho de conclusão de curso é possível ainda novas abordagens, que possam centralizar atenção especificamente quanto ao problema da morte. Nesse sentido, em diálogo com a essencialidade deste trabalho que é a esperança cristã, existem ainda lacunas que abrem questionamentos sobre o como compreender a experiência da morte na vida do homem. Assim, em contraposição ao pensamento ateu, se verifica hoje a importância e a necessidade de estudos quanto à antropologia teológica da morte a partir da doutrina cristã que confere significado a este acontecimento natural da vida humana.

## REFERÊNCIAS

- ADRIANO, José. Notas sobre a esperança. *Revista de Cultura Teológica*, n. 25, p. 75-86, 1998.
- AGUIAR, Eugênio P. C. *Em Jesus, Deus abraça o sofrimento humano: Uma leitura de O Deus Crucificado de Jürgen Moltmann*. Edições Paulinas: São Paulo, 2019.
- ARANTES, Ana Claudia et al. A importância da integração da espiritualidade e da religiosidade no manejo da dor e dos cuidados paliativos. *Archives of Clinical Psychiatry (São Paulo)*, v. 34, p. 82-87, 2007.
- BENTO XVI. *Carta Encíclica Spe Salvi, sobre a esperança cristã*. Roma: Libreria Editrice Vaticana, 2007. Disponível em: <[http://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/encyclicals/documents/hf\\_ben-xvi\\_enc\\_20071130\\_spe-salvi.html](http://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/encyclicals/documents/hf_ben-xvi_enc_20071130_spe-salvi.html)> Acesso em: 12 mar. 2021.
- BÍBLIA Sagrada. *Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2002.
- BLANK, Renold J; VILHENA, M Angela. *Esperança além da Esperança*. Edições Paulinas: São Paulo; Siquem: Valência, 2003.
- BOFF, Leonardo. *A cruz nossa de cada dia: fonte de vida e de ressurreição*. Vozes: Petrópolis, 2012a.
- \_\_\_\_\_. *Paixão de Cristo paixão do mundo: os fatos, as interpretações e o significado ontem e hoje*. 7 ed. Vozes: Petrópolis, 2012b.
- BRAGA, Leonice. *A atuação do psicólogo hospitalar com familiares e pacientes em cuidados paliativos e a relação com a espiritualidade: uma revisão integrativa da literatura*. Ribeirão Preto, SP, 2021.
- BRIGHENTI, Agenor. Esperança cristã e utopia histórica. *Revista Encontros Teológicos*, v. 13, n. 1, 1998.
- BRUSTOLIN, Leomar Antonio; DE LIMA TEIXEIRA, Patrícia Espíndola. A experiência humana da morte e a esperança cristã no testemunho de Edith Stein. *Teocomunicação*, v. 46, n. 2, p. 165-173, 2016.
- CAMARGO, Carlos. A parábola do bom samaritano, a parábola-chave para a compreensão do mandamento do amor ao próximo (Lc 10, 25-37). *REVELETEO-Revista Eletrônica Espaço Teológico*, v. 8, n. 14, p. 50-63, 2014.
- CASTILLO, José M. *Jesus: a humanização de Deus: ensaios de cristologias*. Vozes: Petrópolis, 2015.
- CAVALLERI, Giorgio. *Dietrich Bonhoeffer: mártir do Nazismo*. Edições Paulinas: São Paulo, 2019.

CERFAUX, L. *Cristo na teologia de São Paulo*. Edições Paulinas: São Paulo, 1977.

CNBB. *Documentos da CNBB: Diretrizes gerais da ação evangelizadora da Igreja no Brasil 2015-2019*. Edições Paulinas: São Paulo, 2015.

\_\_\_\_\_. *Estudos: nº 09 - Pastoral da Saúde*. 3 ed. Edições Paulinas: São Paulo, 1979.

\_\_\_\_\_. *Estudos: nº 26 - Sofrer em Cristo Jesus: espiritualidade do enfermo*. 2 ed. Edições Paulinas: São Paulo, 1982.

CONCÍLIO VATICANO. *Constituição Pastoral Gaudium et Spes: sobre a Igreja no mundo de hoje*. Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II (1962-1965). São Paulo: Paulus, 1997, pp. 540-661.

CORRÊA, Cairu Vieira; BATISTA, Jeniffer Soley; HOLANDA, Adriano Furtado. Coping religioso/espiritual em processos de saúde e doença: revisão da produção em periódicos brasileiros (2000-2013). *Revista PsicoFAE: Pluralidades em Saúde Mental*, v. 5, n. 1, p. 61-78, 2016.

COSTA, Flávia Luiza Gomes. O livro de Jó: uma catequese para um povo fracassado em sua esperança. *Revista de Cultura Teológica*, n. 73, p. 129-147, 2011.

DO ESPIRITO SANTO, Magno Lessa. PAULO E O CORONAVÍRUS: SOFRIMENTO, ALEGRIA E ESPERANÇA NA TEOLOGIA PAULINA. *Revista Transformar*, v. 14, n. 2, p. 303-319, 2021. Disponível em: <<http://www.fsj.edu.br/transformar/index.php/transformar/article/view/498>> Acesso em: 23 de jun. 2022.

DOCUMENTO DE APARECIDA: *Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe*. Edições CNBB, Paulinas, Paulus, 2007.

ESTRADA, Juan Antonio. *Da salvação a um projeto de sentido: como entender a vida de Jesus*. Vozes: Petrópolis, 2016.

FEINER, Johannes; LÖHRER, Magnus. *Mysterium Salutis: compêndio de dogmática histórico-salvífica III/6*. Editora Vozes: Petrópolis, 1974.

FERREIRA, Bruno Reis. SOCIEDADE EM LUTO: MORTE E LUTO NO ASPECTO DA TEOLOGIA CRISTÃ. *Revista Contemporânea*, n. 25, 2021.

KASPER, Walter; FORTE, Bruno; AUGUSTIN, George; et al. *Dios en la pandemia*. Catambria: Espanha, 2020.

KONINGS, Johan. *Evangelho segundo João: amor e fidelidade*. Edições Loyola: São Paulo, 2005.

KÜBLER-ROSS, Elisabeth. *Sobre a morte e o morrer: o que os doentes terminais têm para ensinar a médicos, enfermeiras, religiosos e aos seus próprios parentes*. 10. ed. WMF Martins Fontes: São Paulo, 2017.

KUZMA, Cesar Augusto. *O FUTURO DE DEUS NA MISSÃO DA ESPERANÇA: uma aproximação escatológica*. São Paulo: Paulinas, 2014.

LÍNDEZ, José V. *Sabedoria e sábios em Israel*. 3. ed. Loyola: São Paulo, 2014.

LIBÂNIO, João B.; BINGEMER, Maria Clara. *Escatologia Cristã: o novo céu e a nova terra*. Petrópolis: Vozes, 1985.

MOLTMANN, Jürgen. *Teologia da esperança: estudos sobre os fundamentos e as consequências de uma escatologia cristã*. São Paulo: Loyola, 2005.

NOBRE, José Aguiar; DA CONCEIÇÃO, Elizeu. Pensar teologicamente a pandemia à luz de alguns escritos do Papa Francisco. *Atualidade Teológica*, v. 25, n. 67, 2021. Disponível em: <[https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/rev\\_ateo.php?strSecao=fasciculo&fas=53743&NrSecao=X3&secao=DOSSI%C3%8A:%20TEOLOGIA%20E%20PANDEMIA&nrsqcon=53647](https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/rev_ateo.php?strSecao=fasciculo&fas=53743&NrSecao=X3&secao=DOSSI%C3%8A:%20TEOLOGIA%20E%20PANDEMIA&nrsqcon=53647)> Acesso em: 23 de jun. 2022.

NOGUEIRA, Antônio Ronaldo Vieira. A esperança cristã para o futuro pós-pandemia: A contribuição do Papa Francisco. *Annales Faje*, v. 6, n. 1, p. 202-213, 2021.

PAGOLA, José Antonio. *Jesus: aproximação histórica*. 7. ed. Vozes: Petrópolis, 2014.

\_\_\_\_\_. *É bom crer em Jesus*. Vozes: Petrópolis, 2016.

PEREIRA, José Carlos. *Pastoral da Esperança: Subsídio de implantação, formação e atuação de agentes*. Vozes: Petrópolis, 2015.

QUEIRUGA, Andrés Torres. *Vedi alla voce speranza*. Settimana News. Bologna, 05 mai. 2020. Disponível em: <<http://www.settimananews.it/teologia/vedi-alla-voce-speranza/>>. Acesso em: 03 abr. 2021. Tradução: Luisa Rabolin. Instituto Humanitas Unisinos, 07/05/2020. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/598715-de-uma-olhadano-verbete-esperanca-artigo-de-andres-torres-queiruga>>. Acesso em: 03 abr. 2021;

RAHNER, Karl. *Por que razão nos deixa Deus sofrer?* Braga: Editorial Franciscana, 2011;

RATZINGER, Joseph. *Jesus de Nazaré: Da entrada em Jerusalém até a Ressurreição – v.3*. São Paulo: Planeta, 2020.

SCARDELAI, Donizete; VILLAC, Silvana. *Introdução ao primeiro testamento: Deus e Israel constroem a história*. Paulus: São Paulo, 2007.

SCORSOLINI-COMIN, Fabio et al. A religiosidade/espiritualidade como recurso no enfrentamento da COVID-19. *Revista de Enfermagem do Centro-Oeste Mineiro*, v. 10, 2020.

SECRETARIA ESTADUAL DE SAÚDE. Brasil, 2020. Disponível em: <<https://covid.saude.gov.br/>>. Acesso em: 26 abr. 2021.

SICRE, José Luis. *Profetismo em Israel: O profeta: os profetas: a mensagem*. Petrópolis, RJ, 2008.

STORNIOLO, Ivo. *Como ler o livro de Jó: o desafio da verdadeira religião*. Edições Paulinas: São Paulo, 1992.